

ARQUIVAR

JORNAL DE 2^a FERRA

JUNDIAÍ, DE 5 A 11 DE ABRIL DE 1976 - N.º 40 - Cr\$ 2,00



JORNAL DE JUNDIAÍ

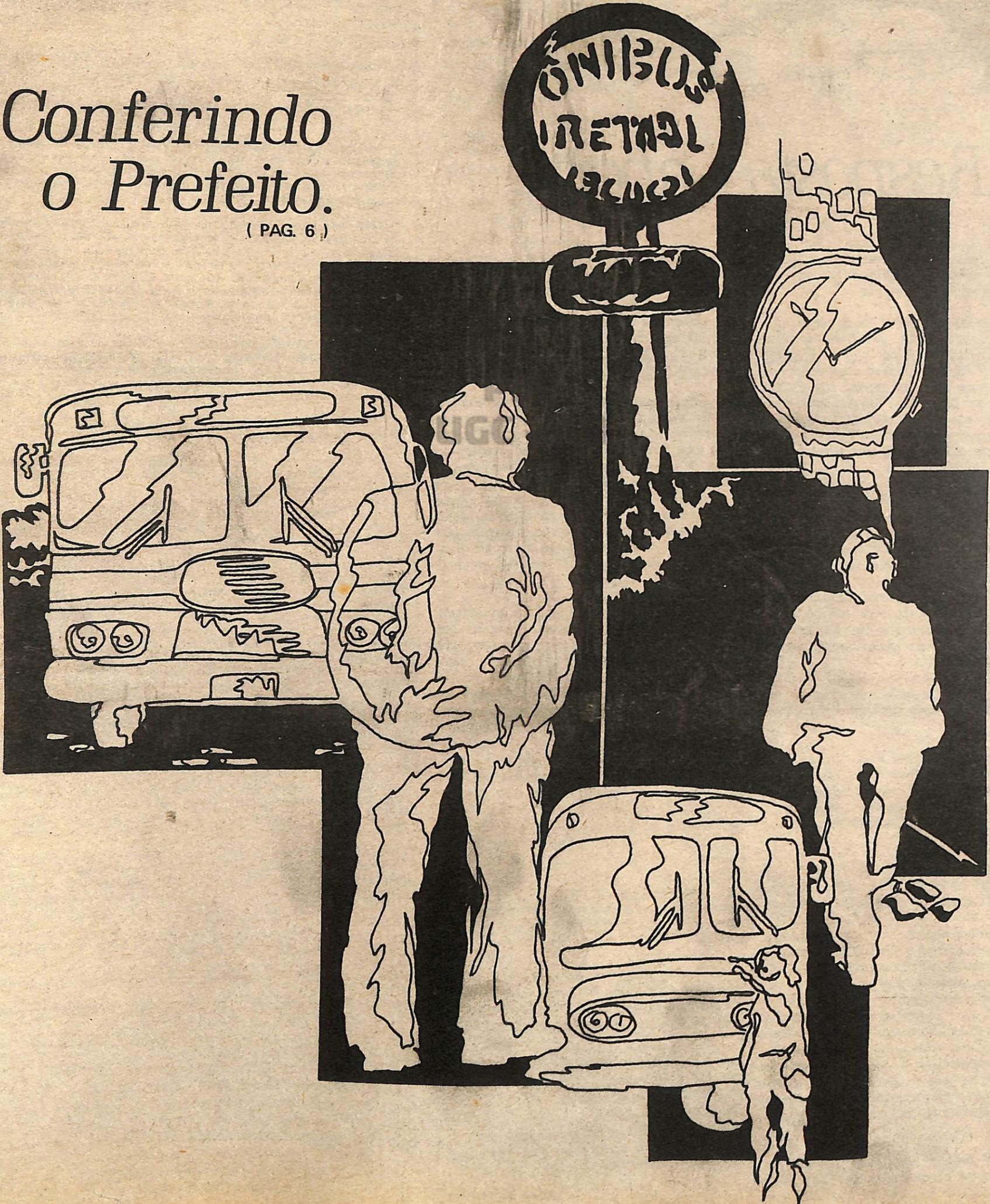
Rua Barão de Jundiaí, 374/394
Nesta

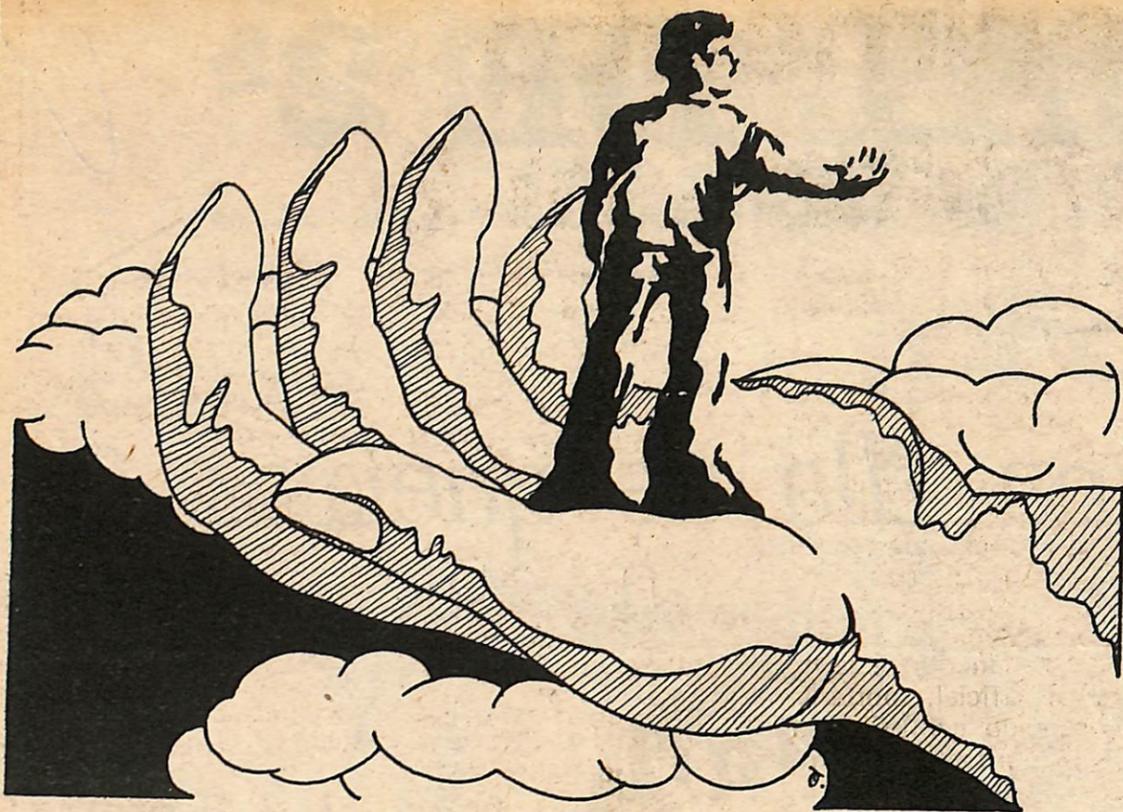
Ônibus: uma fila de queixas.

(PAG. 8 e 9)

Conferindo o Prefeito.

(PAG. 6)





Resposta aberta

Recebi uma carta timbrada, afável e comovente do vereador Henrique Franco -- a quem não conheço pessoalmente.

O timbre era da Câmara Municipal, os afagos eram votos de um feliz e próspero ano novo cheio de cristandades. Comovente era o apelo: aprovada a lei tal, revogadas as disposições em contrário, entrada em vigor em tal data, o vereador pedia que eu ajudasse um estudante a estudar, depositando o quanto eu pudesse dispor numa conta em favor das bolsas de estudo que a Municipalidade ofertará a quem tenha real e comprovada necessidade.

A causa dos necessitados sempre me comoveu. E, vez ou outra, minha consciência se comprime, me aperta, quando constato a situação de privilégio em que vivem meus filhos - estudantes que têm com que estudar -, enquanto uma multidão de outros jovens, tão ou talvez mais brilhantes que eles, são embaçados pela necessidade de concluir o curso primário e serem obrigados a trocar o caminho mais tranquilo de uma carreira de estudos pelos suados carteiros e salário "de-menor".

Mas não foi esse estado de alma que me tomou, quando li a carta timbrada, afável e comovente.

A lembrança que me veio foi a de uma manicure, conhecida minha. Uma nissei, moça ainda, que paga os estudos de um sobrinho com o dinheiro de cutículas cortadas e unhas esmalgadas das madames cujos filhos certamente têm com que estudar.

Lembrei-me do seu rosto redondo, de raça e orgulho, ao dizer que o sobrinho havia entrado numa faculdade de Medicina (ela não fez nenhuma referência ao custeio dos estudos; vim a saber disso depois). Foi essa lembrança que tornou comovente o pedido do vereador, em sua carta: ele pedia por garotos que não tiveram a sorte de uma tia tão dedicada ou capaz.

Quanto dar? pensei. E logo senti que o privilégio dos meus filhos não estava tão alicerdado: afinal, o pai deles teria que se contentar em oferecer alguns magros cruzeiros à causa do estudante necessitado -- assim exigia o saldo bancário. Puxa, como eu gostaria de ter alguns milhões de cruzeiros! foi o pensamento seguinte.

Clic! A palavra "milhões" desencadeou idéias. E o nome do vereador Henrique Franco começou a me parecer menos estranho.

Henrique Franco? Já não foi presidente da Câmara Municipal?

Sim, era ele, vereador Henrique Franco, o presidente da Câmara que deu o voto de Minerva na aprovação dos 120 milhões de cruzeiros que mudaram a história de Jundiá -- uma cidade que tem estudantes necessitados.

Sim, era ele, vereador Henrique Franco, voto de Minerva que entregou ao prefeito os recursos milionários de que ele, prefeito, necessitava para fazer desta cidade o seu império; terra de concorrências lesivas aos interesses da coletividade e dos estudantes necessitados; terra da Andrade Gutierrez que cavoca terra a preços quatro vezes mais caros do que o devido; terra das prioridades absurdas, como a avenida que todo mundo vê e ninguém usa, a não ser os especuladores das margens do córrego merdoso (é isso, Barti?).

Sim, é ele, o vereador que deu ao prefeito o poder do dinheiro facilmente recebido (os vereadores nem sabiam ao certo o que estavam votando, diria o pidonho Franco, numa entrevista ao "Jornal da Cidade", tempos depois do seu voto de Minerva). É ele que vem agora me comover com pedido de dinheiro para as bolsas de estudo.

Pois trate de pedir ao seu poderoso chefe, que é quem tem. Peça a ele que deixe de pagar em dobro a Andrade Gutierrez e o dinheiro para as bolsas aparece. Que deixe de entupir a cidade com as dezenas de milhares de folhetos coloridos e aí estará o dinheiro para os estudantes.

Caso seja pouco, ele que reparta, com os necessitados, os lucros das terras compradas a cinco e vendidas a 100: são milhares de cruzeiros!

Ou, ainda, que reduza o número dos chupetas que enfeitam o funcionalismo municipal (comissionados e outros) e destine esses salários-fáceis aos estudantes necessitados.

Em último caso, ele pode tentar conseguir o dinheiro, pedindo ao chefe que lhe dê uma parte dos novos 70 milhões, aprovados caprinamente pela Câmara. Afinal, desde os tempos mais remotos, é praxe que o suserano atenda aos desejos dos seus valentes homens.

Pedir para quem tem é a fórmula mais inteligente. Mais minervina, pelo menos.

Erazê Martinho



Seu Pereira entrou no Congresso como macaco em casa de cristal. Trumbicou-se todo, o coitado. Tiraram sarro dele.

Desafiou Wilson José, a molde do que fez aqui com os "covardes".

Só que, desta feita, não foi p'ra "debater", mas, p'ra "reber" as inocuidades e pagodeiras que se fazem por lá... Que bebem, que comem à tripa forra, em ambientes "festivos", para depois das vestais se torcerem e retorcerem como a montanha e ao fim da delivrance, dar à luz um mísero ratinho.

Não teve pejo em arrostar no roldão da sua bronca os indefectíveis "mingildos da colenda" que sempre se valeram dessas oportunidades para tirar o ventre da miséria, etcetera e tal. E por falar nos cujos, faz uns tempinhos que não são convidados para uma paparóca no Balaio. Provavelmente, porém, agora, a fim de que se alinhem a favor dos 70 milhões do asfalto, terão outra noitada de bródio com peito de peru, vinho velho e scotch made in Escócia, o que, evidentemente, se fará por força de hábito.

Mas, voltando ao Congresso. Como se diz na gíria, seu Pereira foi buscar lã e saiu tosquiado. Choveram "gentilezas" p'ra cima dele, e, por extensão, atingindo a desventurada Petronilha que há três anos vem comendo o pão que o diabo amassou, como se a pobre tivesse algo a ver c'oa cor da chita.

Pois é. Choveram "gentilezas" p'ra cima de seu Pereira que foi até indicado p'ra governador... de esculacho.

O que vale é que ele tem uma qualidade que garante o rebolado em qualquer circunstância - não se avermelha nem que lhe deitem toda uma tonelada de colorau.

E os "chupetas", quer dizer, os assessores (que belas digestões), voltaram mais pesados, com perdão da palavra, libertando cada arroto que se podia ouvir à distância.

Mas, como se pode observar - repetindo o estribilho pela terceira vez - choveram "gentilezas" p'ra cima de seu Pereira. Quanto ao chinfrin de seu Zé, o senador borrifou um pernachio e desligou o microfone. E a tese seguiu direta para o "arquivo" onde se depositam as dejeções cerebrais.

A conclusão que se tira é que nem seu Pereira, nem os assessores e tampouco os "mingildos" lograram figuração no "ambiente festivo" do Congresso. No entretanto, se somado o tutu requisitado para a bombochata, chegaremos à triste realidade de que daria bem para levar um cano d'água a algum vilarejo morto de sede.

Caro ledor, uma penitenciazinha agora, na quaresma, até que nos faz bem. Bata três vezes no peito e não tenha vergonha de gritar comigo, minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...

Se o Congresso é pagodeira
Se só se vai p'ra comer
Que mais foi fazer seu Zé
Puxado por seu Pereira?

E logo à entré dos machões
Roncando como bezouros,
Indagam os congressistas
D'onde vem os mata-mouros?

Conhecidinho como é
Na arte de "engratar"
Dir-se-á que foi levado
P'ro coreto bagunçar...

- De uma terra de beócios
Que deram a um aventureiro
Que a todos soube enganar
As rédeas de seus negócios.

Simão

JORNAL DE 2a. FEIRA
Propriedade da Editôra Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone: 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Capa e Ilustrações: Décio Denardi
Composição: Tipografia e Off-Set "Popular" Jundiá
Impressão Departamento de Off-Set
"do Diário do Povo" - Campinas.

Requerimento ao Prefeito - nº 2

Tendo em vista que o Jornal de Segunda Feira, em sua edição de 19/25 de janeiro de 1976, trouxe a público matéria de relevante interesse público, ao tratar da mudança de uso de área verde na Vila Hortolândia; e

Considerando que os termos de reportagem não foram até hoje contestados por quem de direito;

Considerando que os fatos narrados são de extrema gravidade, pois, envolvem pessoas encarregadas de zelar pelo bem público e social, defendendo a lei e as Posturas Municipais, como sejam o Sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz, e Dr. Arnaldo Martins dos Reis;

Considerando que na

área destinada pela lei 1576/69, devidamente mapeada, foi construída uma indústria de forma inacreditável, e clandestinamente, uma vez que não poderia ter obtido aprovação de planta e posteriormente "habite-se" e muito menos alvará de funcionamento;

Considerando que essas exigências são de ordem geral e ninguém no município consegue contorná-las, por menor que seja a construção;

Considerando que a destinação ilegal no uso da referida área poderá causar prejuízos à própria indústria e à Prefeitura, portanto, ao povo;

Considerando que as disposições do Plano Diretor Físico-Territorial de Jundiá deverão ser observadas obrigatoriamente quando da aprovação

de projetos e na execução de qualquer obra pública ou particular;

Considerando que tais disposições estão sendo aplicadas rigorosamente para todos os jundienses por mais pobres e insignificantes que sejam suas construções;

Considerando que constantemente se lê no jornal oficial, portarias nomeando comissões para inquéritos administrativos destinadas a apurar qualquer fato ou falhas, o que dá a entender ser o governo municipal rigoroso no que toca ao funcionalismo;

REQUEIRO, digno-se o sr. Prefeito, informar para conhecimento público e esclarecimento de uma situação por demais importante, o seguinte:

1) Os responsáveis pela construção clandestina da indústria foram autuados?

2) Foi aberto inquérito administrativo para apuração de responsabilidades?

3) Qual a autoridade da Secretaria de Obras que responde pelo setor?

4) Consta do relatório do fiscal de Obras, como se faz para as demais irregularidades constatadas no município, informações sobre a obra a fim de se avaliar a extensão do fato?

5) O sr. Secretário de Obras determinou abertura de inquérito ou assumiu, em despacho fundamentado, todas as responsabilidades? ou representou ao sr. Prefeito Municipal?

6) Se não o Secretário de Obras, qual a autoridade municipal que autorizou a construção? Quem vistoriou e forneceu o "habite-se"?

7) O Sr. Secretário da Saúde foi ouvido?

8) O sr. Secretário das Finanças, pelo órgão competente, forneceu alvará de funcionamento para uma indústria construída irregularmente?

9) Se forneceu quem responderá por futuras indenizações se houver cassação do alvará de funcionamento?

10) Se não há alvará de funcionamento está a indústria recolhendo tributos estaduais e municipais? de que forma?

Virgílio Torricelli

BAFOS

Até o presente, dois nomes já se cristalizaram na chapa da oposição: Abdoral Lins de Alencar e Cid Ognibene. Resta conhecer os candidatos, a vice, cujos nomes estão apenas cogitados, sem confirmação.

Não se conhece, ainda, o vice de Pedro Fávaro. O nome de Ary Fossen, muito comentado no início do ano, parece ceder lugar ao de Flávio D'Angieri.

Um nome muito cotado para ser o candidato a vereador pela Vila Hortolândia é Waldemar Guio da Costa, um jovem de muitas relações no populoso bairro. Seu partido seria o MDB.

A merenda escolar tem sido um cabo eleitoral do prefeito Ibis Cruz, sem que ninguém ponha em discussão quanto a cidade está pagando por ela. Que tem fome tem poucas perguntas a fazer.

Luiz Rodrigues terá seu nome indicado como candidato a vereador pelo MDB. Rodrigues é do partido oposicionista desde o seu surgimento e tem bases muito boas na Agapeama, bairro onde mora.

Rubens de Lucca, será muito provavelmente, um dos candidatos arenistas à sucessão de Ibis. Contra Ibis? Ninguém sabe. Ou, como dizem seus correligionários: depende.

Firma nos corredores palacianos da Rua Barão os nomes de Nassib Cury e Arnaldo Reis, como candidatos do prefeito. A luta agora está aberta para arrumar a precedência, isto é, quem sai na cabeça. Se o caldo entornar, sobra gente na ala Ibis Cruz.

Da Secretaria da Saúde (intra-muros) vem esta, novinha em folha: Arnaldo Reis dizendo, para quem quiser ouvir, que já tem Jundiá nas mãos.

Os comentaristas mais sérios acham que a confiança do Secretário deve-se ao muito dinheiro da arrecadação com que ele conta para trabalhar sua candidatura.

Ibis: governador em 78

Nas asas da gozação, um panfleto zombeteiro viajou as ruas do Guarujá, levando no bojo requintes do mais desabusado ridículo ao prefeito municipal desta cidade, sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz.

A atoarda lançava o nome do alcaide jundiense ao cargo de Governador do Estado em 1.978, com as palavras que emprestamos para epígrafe destes comentários.

Sedição é dizer que o boato se impôs como agente da galhofa e da picardia, extrapolando os umbrais do XX Congresso dos Municípios para invadir as ruas e lares daquela aprazível cidade balneária.

"Ibis: Governador em 1.978" - jargão que fermentava a chacota e abria o riso e o deboche aos mais indiferentes; que apoucava; que avacalhava; que espoucava em tiradas jocossérias...

Á nós, muncípes jundienses, o fato em si não surpreende nem reflete maior importância, já que mais apoucado e malversado do que está acreditamos que não poderá ficar.

Todavia, até que grau Jundiá possa estar atrelado a esse achavascamento, eis a pergunta!

O comportamento do

nosso prefeito no Congresso, como é do domínio geral, foi dos mais desastrosos.

Acompanhado de uma "curriola de "chupetas" que apelidou de assessores, mais alguns vereadores que integram a ordem da intemperança que se alimenta com as benesses do erário, entrou no recinto provocando os diretores da Associação Paulista de Municípios, com larga distribuição de boletins subversivos com o propósito de destituir a diretoria da entidade, sob o pretexto de que estava sendo presidida por um jornalista.

Como se vê o prefeito foi armar um aranzel no Guarujá, invadindo o Congresso com espinhos de ouriço, isto é, pretendendo desalojar aqueles que, através os anos, regem os destinos da referida Associação.

Querira pôr o presidente para fóra a fim de que, em seu lugar, entrasse um prefeito, (ilação que o óbvio escancára), assim como quem insinúa, cá estou eu para o posto de sacrifícios.

Um jornalista não serve. Não tem gabarito nem tampouco atributos outros que possam exornar um caráter retilíneo. É o que pensa, talvez lembrando que os que aqui na terra, comprados como estão, jamais poderiam

presidir uma entidade séria e prestativa como a A.P.M.

Assim não entenderam, todavia, as muitas centenas de participantes do conclave. E daí, sem dúvida, o reproche galhofeiro que ridicularizou o prefeito de Jundiá. Um jornalista é sempre um eclético que, por um imperativo da própria profissão entende muito mais de municipalismo do que o demagogo que por um capricho eleitoral, tornou-se mandatário transitório dos negócios de uma coletividade.

Eis, pois, porque, diante do inusitado comportamento do homem no Congresso Municipalista, não temos como deixar de aceitar o chiste dos congressistas. Como já assevera o vulgo, quem diz o que quer ouve o que não quer. Foi o que aconteceu, aplicando-se o chavão ao caso em apreço.

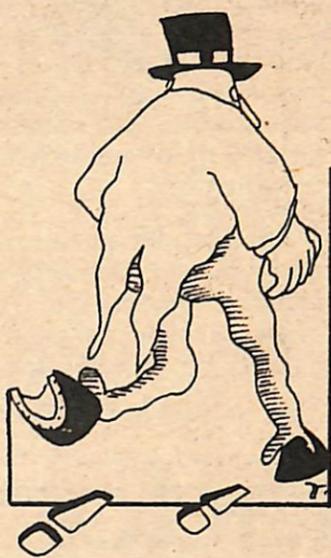
É de evidência que o prefeito nas suas acometidas não levou o beneplácito do povo jundiense, que, muito ao contrário, continuará como até aqui, respeitando, acatando e admirando a operosa Associação Paulista de Municípios, que vem de ser ruidosamente honrada com a deferência de sua excelência o sr. Presidente da República.

Elcio Vargas.

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

ONDE SE LÊ CAVALARIA, LEIA-SE ..



"Não é meu desejo criar polémica com esse jornal ou com o sr. Vital Battaglia, que escreveu uma carta aos srs., publicada na última edição. Quero apenas fazer um a uma afirmação desse leitor. Em determinado trecho, ele diz "...como se tivesse ao fundo o sonar da Cavalaria Rusticana".

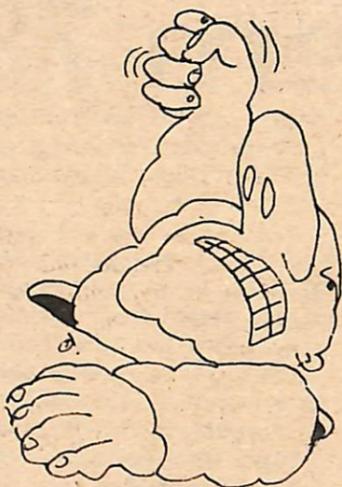
Ora, senhores, o certo seria "Cavalaria Rusticana", que não tem nada a ver com cavalos. A tradução certa, no caso, seria, digamos, "Cavaleirismo Rústico". E isso, sr. Battaglia: não tem nada de cavalo nisso não, é cavaleirismo. E seria cavaleirismo, da parte dos srs., publicar está retificação, a bem da verdade". Mauro Ziranelli.

Perfeito, sr. Mauro. Foi como o senhor descreveu o lance. Onde se lê "Cavalaria Rusticana", leia-se "Ayuuuu, Silver!!!

UM CIDADÃO CONTRA OS BURACOS

"Um aviso ao pessoal que faz a Operação Tapa-Buraco: a rua (ou avenida?) Barão de Teffé bem lá no fim está assim de buraco. Dá para passar por lá?" L.G.

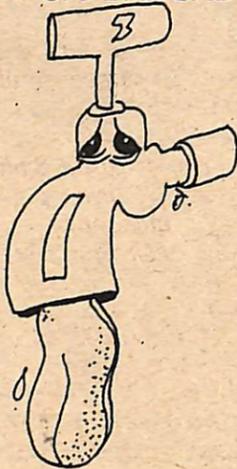
Cuidado, L.G., escrever para semanário pedindo essas coisas é arriscado. E se a operação Tapa-Buraco passou por lá no momento em que encerrávamos esta edição, como é que fica? Coloque o fone no gancho, tire outra vez, espere dar linha e tente um desses diários que andam por aí, Por aqui não dá pé.



UM LEITOR SEDENTO DE MOÇÃO

"Será que o Giarola vai ficar quieto, desta vez? Ele precisa protestar também contra o juiz Emídio Marques Mesquita, que expulsou o Adair logo no começo do jogo entre Paulista e Corinthians. Moção nele, caro vereador! Mexa-se! "Elpídio Elias

OLHA O SEU EUFRASIO ZANGADO



"Outro dia, o prefeito esteve aqui na Vila Aparecida junto com uma bandinha, para anunciar que logo teríamos água encanada. Foi uma beleza - parece, não me lembro bem, soltaram até fogos. A festa acabou, cada um foi pra casa sonhando com a água encanada, mas, até agora, nada. Continuamos naquela de beber água de poço.

O que aconteceu? Essa água vem ou não vem? E vocês ai, que ficam badalando o prefeito o tempo todo, por que não defedem um pouco os interesses do povo". Eufrásio V. Camargo.

Esta certo, seu Eufrasio vivemos badalando o prefeito. Agora conta outra.

EMPREGO: O PROBLEMA DA IDADE

Gosto muito de ler esse jornal, e por isso quero fazer uma sugestão. Os senhores deveriam fazer uma reportagem sobre as pessoas de mais de cinquenta anos que são marginalizadas pelas empresas. Tem muita gente boa, nessa idade, que é desprezada pelos dirigentes cabeludos e inexperientes. Esse negocio de idade - limite para determinados empregos, dói muito para nós, os chamados velhos. Se tivéssemos chance, mostraríamos do que somos capazes.

Quero deixar bem claro que não estou escrevendo para pedir emprego a quem quer que seja. E só um desafo que estava comigo. Se os senhores não publicarem esta carta, não tem importância. O importante é que falei

o que tinha vontade de falar". R. B.

Sugestão anotada, sr. R. B., ainda este ano, o sr. deverá ter alguma alegria: ha um projeto tramitando no Congresso, sobre esse problema. Na area federal, parece que o caso ja esta resolvido: Esse

A BRONCA DE UM TORCEDOR



"Como é que o Paulista quer ganhar o jogo se o centroavante é um jogador de basquete?". Mauro Felipe Werneck

Calma, Lipe, calma. Deixa o jogador de volei se recuperar da contusão. Com ele ninguém segura o galo.

O SR. LAURO QUER CUMPRIMENTAR A GENTE

"Gostaria de cumprimentar a equipe desse jornal..." Lauro Simeão Teixeira

Pois não, seu Lauro. Quando nos encontrar por aí, é só dizer bom dia, boa tarde ou boa noite.

PLACAS OBRIGATÓRIAS

Sr. Em face de manifestação da Câmara de Arquitetura e da Câmara de Engenharia Civil, a Diretoria do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) da Sexta Região decidiu encaminhar ofício às autoridades estaduais, solicitando providências para que sejam afixadas placas do autor do projeto e do construtor responsável à frente de obras públicas, consoante o que estabelecem o artigo 16 da Lei n.º 5.194/66, reguladora do exercício profissional do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo, e a Resolução n.º 198, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Eng. Máximo Martins da Cruz, Presidente do CREA Sexta Região.

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO
RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4-3899

JUNDIAÍ-SP

boutique

Bymboka

robório 465 fone 4-2833

DECIO DENARDI

desenhos
anúncios
pósteres
logotipos

dos bandeirantes, 683

Escritório de Advocacia

dr. ademercio lourenção
dr. alcimar a. de almeida
dr. francisco v. rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU



Capitão José



Bamo Marica, bamo,
Bamo prá Jundiá
Com tudo vancê vai
Cumigo cê num qué i

Num vô
Num vô
Num vô, Num quero í
Longe dos meu parente
Vancê vai
Judia de mi...

Soletra daqui e soletra dali, intimando de uns e outros acabei sabendo que naqueles tempos do sem fim nós éramos participantes de corpo inteiro desta coisa, bunitiza tão grande, que chamam de êxodo rural. Fiquei sabendo que éramos e ainda somos, gente assim e assado comendo isto e aquilo, o por que disto e deste, tudo coisa ruim até de não se poder dizer. Êxodo ou não, retirantes ou migrantes coisarada tudo difícil de explicar, ali estávamos na vila quase sem ter o que fazer; e a vila era apenas um pouso no meio do caminho, uma parada na vereda de quem queria ir prá riba. Na vila todos levantavam cedo, até os piás, não sei se por costume ou prá ter mais tempo de fazendo nada naqueles dias de comprideza sem fim.

Nos tempos do Império, a vila competira com São Paulo para ser capital. Perdeu e parou; até hoje. Era a vila de Parnahyba, hoje Sant'Ana de Parnaíba, naquele tempo Parnarráiba para os canadenses da Laite, Laite pr'eles, língüete pra nós. Um h aspirado tão lindo soando a erres, o Parnarraíba deles era Parnaíba para os íntimos. Da vila daquele tempo lembro pouco, lembro do camarã na porta da venda de Nho Quim Tômóve e do Tio Juca. Tio Juca pra molecada, Bolinho pros músicos e companheiros de boemia. Boemia musical, professor de música, maestro respeitado, foi com seu retorno à vila que minha gente aprendeu a ler música com todos os éfes e éres, tão bons ledores de notas musicais que um dia, fim de ensaio com tio Juca, Faustão (barriga roncando e o peito cheio de esperança) resmungou ao fim de sua frase musical:

— Num escapô nem um ipsilone!

Tio Juca, Maestro Juca, Bolinho para os íntimos, Capitão José Correa da Silva na apresentação.

Avizinhava-se a festa de Sant'Ana. Festa tão grande não haveria maior, não fosse a festa do Bom Jesus de Pi-

rapora. Nos sítios e arraias õ violeiros e os "dançadô" ensaiavam a catira, a cana-verde e principalmente - ah! o principalmente! - a congada, coisa mais linda, beleza de arrepiar o cangote, coração tremelicando aqui no gogó, guizos nos tornozelos, bate-pé repinicado, passo e contra-passo, e o contra-compasso então?, dificuldade mais difícil de haver de existir, quem será que pode entender o qu'eu 'stou dizendo, fecho o zóio e 'stou vendo as quatro fila congaleza tudo certinho no bumba e zabumba?

Pois era assim, a vila tremia nesta espera de antevérpera tão cumprida, tudo ensaiando.

O tio Juca naquele sem jeito de ir sempre entrando, num instante tava já lá na cozinha, nem "ô de casa" nem nada, firme no bule do café requentado, seu ar sempre de maroto, limpando os beiços, veio falando:

— Que tal se nós ensaiasse uma missa cantada pro dia de Sant'Ana? Um orquestrão? No Coro da igreja?

E meu pai, de cócoras, sentando nos carcanhá.

— Ára, Bolinho, ocê num sabe qu'ê sacrilégio? Naqueles tempos, quando a igreja era a Igreja, tudo era sacrilégio. Na missa só se ia de "pareio com preto" que a gente tinha que se vestir co'a roupa de "vê Deus", que não se entrava na igreja vestido de "quarquê" jeito. E instrumento permitido no coro, só o órgão. Que o violino era apenas tolerado. E o tio Juca queria ir de orquestra tocar a missa cantada? Nunca!

— Cê tá loco? Bombardino? Fruta? E o contra-baixo de tuba? dizia meu pai. E o tio Juca, sorriso sofado, quase gargalhada...

— A'ra se... t'explico. A fruta entra co órgão só no registro certo. A crarineta faz contra-canto co violino, os otro entra de harmonia e à tuba ajuda nos baixo, - bu bu bu ti ta ta, foi imitando os instrumentos...

E começaram os ensaios. E chegou o dia de ensaiar com o órgão junto, lá no coro. E a dificuldade de entrar co's instrumentos, e o ensaio sem ser ouvido, que o padre Damião não podia saber, sabendo não iria consentir? E as

moças e os moços do coro, tudo escondido, ensaio mais difícil...

E o tio Juca viajando entre Jundiáhy e a vila, toda semana? Por conta? De a cavalo até Pirapora e o resto de jardineira? Dinheirama de despesa?

Chegou o grande dia. A igreja enfeitada no último da chiqueza!

— Sê Nossa Senhora já é coisa por demais, e sê Sant'Ana intão mãe da Virge? coisa mais dimirave? - dizia minha mãe, a veneração brilhando no zóio castanho, garada mão-na-mão do senhor meu pai, o clarinetista da orquestra... Ele com ar de ausente, "nem tava prestando atenção, falatório de muiê" - orgulhoso sem saber do que, nem um gato para puxá pro rabo, sabia sim, orgulhoso daquele amor de perdição, tinham-se um ao outro, admiração tão grande, de não ter nada que se admirará... amor não se cômpreende. Ama-se.

E lá na nave da igreja - o perfume do incenso o brilho dos parâmetros da missa solene com três padres, a música, êta ferro! Não se sabia se era olhar pra fente ou prá traz e pra riba, não deixavam olhar pra traz, que não podia, que Deus, que o Santíssimo que Sant'Ana...

No dia anterior, as confissões, o padre Damião, Damião velho de guerra, no fim mais velho do que de guerra, até dormia no confessionário. Pobre confessor, todos os segredos da vila eram ciciados ali. A maioria pecados de alcova, ou de canto de rua. Muitos queriam contar tudo tím-tim por tím-tim.

— Que não, (pretestava o pobre Damião) que não precisava contar os pormenores.

No fim os pormenores ficavam pormenores, com os etecetras tudo explicadinho. Aí o padre, atribulado, era obrigado a fazer um mundo de penitências para espantar os maus pensamentos. Da cintura pra baixo ele era fogo só, pobre Damião.

No dia seguinte, aquela comunhão de não ter fim, moça solteira de veu branco, mulher casada de veu preto...

E o tio Juca gargalhava explicando irreverente:

— É que o casamento é um luto...

E o padre Damião não sabia que a banda tava inteirinha na tal orquestra? Claro! Ele não era surdo e nem cego. Tinha visto tudo!

No dia da missa foi aquele chiqué de não ter fim. Estiloso mesmo foi tio Juca de pareio novo sapato na última moda, nunca mais esqueci, de sola crepe, novidade da última. A sola crepe era assim bem enrugadona e se pisasse em alguma coisa mole, pastosa, não havia mais quem limpasse. Por isso o tal sapato caiu logo de moda, me desculpe siá dona e sinhá mocinha, qu'eu vou dizer o apelido do tal sola crepe: ficou conhecido como cata-bosta. E ninguém mais quis. Mas o tio Juca, novidadeiro como ele só, lançou a moda e apareceu todo orgulhoso fazendo inveja com o seu cata ... tá bom, deixa.

Tudo era solene. Desd'o altar padraçada paramentada de fazê gosto, tudo no linho, prata e ouro, as coroinhas lumiano do banho-tomado no sabão de cinza e bucha - a nave - povo quieto na dimiração e veneração dos Santos Mistérios - "nem oie pra Hóstia que ôce num é digno" - Domine num sum digno - aquela confusão dos sentidos, tudo assim mesmo como to escrevendo, tudo de cambulhada, tudo atrapaido, mas chegando lá em cima no coro, tereria alguém mais em ponto que o tio Juca, os músicos, o coro, tudo lá perto do céu? Haveria um tio Juca tão Maestro Bolinho, cutuba de missa cantada, que o Capitão José Corrêa da Silva?

Era de se vê, regendo ao mesmo tempo a orquestra e o coral! De um lado seus beiços imitavam, mudos, o som do instrumento e virando pro coro lia-se na sua boca, perfeitamente o

... panis coelum angelorum...

... o colarinho alto, engomado, brilhando de lustroso, lustroso de vela!

Depois da missa a orquestra virou banda e já na praça, começou a retreta. Festa o que deu o dia e mais um pedaço da noite. De tarde a pucissão solene, depois a benção do Santíssimo depois... Este era o depois que tudo esperava! Depois louco de bão, a cana verde, a catira e a congoda, beleza tão grande, nunca mais!

E a quermesse? E no grosso do bem bom, o leilão de prendas?

... e quem dá mais? Dois mi reis pro nho Orfeu num levá!...

Nho Orfeu era home bravo. As nove horas da noite, toda santa noite era ele quem tocava o sino da cadeia. Durante o tempo do Império era costume o toque de recolhiê, o Império acabô, ninguém desordenou a orde e, acho, até hoje tão batendo o tal toque...

— Nho Orfeu, purqué mecê bate o sino as nove?

— É ordes, temo que batê...

Estava explicado.

Naquele tempo, pela mão do tio Juca, os músicos caboclos conheceram Jundiáhy. Era a cidade de coração grande recebendo a música de roça. Hoje a cidade apequenou-se, encolheu, hoje foi rebaixada a Jundiá. Maestro Juca, Maestro Farinha, Maestro Bovolenta, Maestro Abílio, todos vindos das roças das suas terras, enriquecendo a zona urbana, êxodo bendito.

Este acontecido assucedeu-se, não é de inventiva.

O capitão José Correa da Silva nasceu em Parnahyba a 12 de setembro de 1.861 e faleceu em Jundiáhy a 11 de setembro de 1.964, véspera de seu 103.º aniversário. Foi fundador da Sociedade Jundiáense de Cultura Artística juntamente com Deolinda Copelli, Orestes Pellicieri, Angelo Pellicieri, José Maria dos Passos, Raul Bicudo e João Xavier da Costa. Foi fundador da Banda Paulista, a Banda do Seminário Salvatoriano. O mais exótico na sua vida, vida de romance, é qu'ele era "manda-chuva". Quando a chuva tardava, a caboclada mandava buscar o tio Juca. Coincidência ou não, era só ele chegar e pronto: desabava o aguaceiro.

Além de ter ensinado música de graça a centenas de pessoas, o seu nome ficou ligado as romarias à Pirapora, iniciadas por ele e mais quatorze ou quinze outros.

Lá pros lados do Jardim do Lago existe uma ruazica com o nome de Capitão José; homem cujas aventuras e desventuras em prol da música daria pra encher um livro.

O Bartimeu

Vamos conferir?

Em mais um anúncio de página inteira, com o título "É hora de conferir", o prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz anuncia a inauguração do segundo trecho da Av. Córrego do Mato, como uma demonstração do dinamismo do seu governo. Se o prefeito deseja conferir, é fácil.

Falando da magnitude da obra realizada, ele declara que houve substituição do solo, ao longo da avenida, até a uma profundidade de 3 a 4 metros. Ora, que houve um imenso movimento de terra todo mundo sabe. Todos estão cansados de ver os cortes monumentais, os grandes aterros, as enormes máquinas da Andrade Gutierrez trabalhando sem parar, os inúmeros caminhões circulando noite e dia transportando a terra deslocada. E todo mundo sabe que isso, exatamente isso, é que representa o verdadeiro assalto aos cofres públicos, pois os preços da empreiteira chegam a ser quatro vezes superiores aos preços normais desses serviços.

A GRANDE JOGADA

No anúncio demagógico, o prefeito Cruz confessa que o concreto asfáltico está sendo lançado sobre uma base de solo estabilizado, o que ele não diz, mas todo mundo sabe, é que, na concorrência para as obras do Sistema Viário, a sub-base foi especificada em pedra britada, ou brita graduada. Só que esse era um dos itens fantasmas da concorrência imoral preparada "a lea carte" pela SOTAFFE para ser jantada pela Andrade Gutierrez, sob o patrocínio do nosso dinâmico (ou ligeiro?) alcaide.

A pedra britada foi orçada pela Gutierrez pela metade do preço normal, para compensar o concreto asfáltico, cobrado ao dobro do preço. Um golpe de mestre, pois a pedra britada não está sendo colocada, enquanto que o asfalto, este o prefeito manda derramar até sobre ruas já pavimentadas.

Uma jogada tão imoral quanto inteligente: Ou, como quer o prefeito, tão dinâmica quanto corajosa.

NA PONTA DO LÁPIS

O prefeito diz que é hora de conferir.

Pois então, ele que coloque à disposição dos técnicos de Jundiá todos os dados sobre as obras do Sistema Viário.

Que sejam examinados os serviços feitos, as medições realizadas os montantes pagos.

Aí, sim, a verdade será conhecida. Ai, sim, de lápis e papel na mão, o povo saberá, exatamente, quanto está custando o dinamismo e a coragem do seu prefeito. Essa conferência, todavia, o prefeito não quer.

O preço da vergonha

"Repita-se mil vezes uma mentira e ela será aceita como verdade." Esse maquiavélico aforismo é de autoria de um dinâmico, corajoso e paranóico austríaco chamado Adolf Hitler, o homem que levou seu país e quase toda a humanidade a sofrer um dos maiores flagelos de toda a História.

"Nada existe de novo sob o sol". A máxima é de Heródoto, um historiador egípcio da Antiguidade.

A julgar pelo que se publica nas páginas dos jornais diários locais (o "Jornal da Cidade", desde a posse do atual prefeito; o "Jornal de Jundiá, de uns tempos para cá, quando "reviu sua posição" e passou, do combate à bajulação), Adolf Hitler e Heródoto estavam cheios de razão. Só que, no caso de Jundiá, a tese do paranóico condutor de massas está vencendo a competição: jamais se atirou, contra as consciências dos jundiáien-

ses, tanta inverdade, na tentativa de se justificar a farsa da atual administração.

QUANTO ESTÁ CUSTANDO A MENTIRA?

O volume de notícias sob encomenda tem sido tão grande que mesmo o menos avisado dos cidadãos já se pergunta: quanto estará custando essa avalanche de comunicados, bravatas, fotos e salvas de palmas? De graça, todo mundo sabe que não é.

Chegou-se a falar que apenas um dos jornais que servem ao prefeito Cruz teria faturado, no ano de 1975, ano da adesão, Cr \$ 700 mil, setecentos milhões de cruzeiros antigos!

Quem pode provar? Ninguém. Pela simples razão de que a ninguém se prestam contas. Sabe-se, apenas, que o dinheiro do povo, arrecadado em forma de extrosivos impostos, é que está custeando esse festival de notícias.

Aproveitando o tema de um dos últimos anúncios publicados pelo prefeito, sob o título "É hora de conferir", fazemos daqui uma pergunta: que tal conferir o montante de dinheiro que já foi canalizado por conta das publicações demagógicas? Por que, numa das descrições de seus dinâmicos e corajosos atos, o prefeito não conta - para o povo conferir - o quanto ele já pagou aos seus Goebels para publicarem seus demagógicos anúncios?

NA ERA DA COMUNICAÇÃO

Sabemos, perfeitamente, que quanto mais indecorosos são os procedimentos, mais se deve pagar para que eles sejam omitidos, ou apresentados em cores róseas.

Mas sabemos, também, que o preço cobrado por esse envolvimento comprometedor é, normalmente, muito caro: quanto mais difícil a to-

caia, mais caro é o pistoleiro - essa é a regra do jogo.

E o preço alto tem sua explicação: no íntimo, nenhum cidadão pensante pode estar a favor dos desmandos que estão sendo cometidos pela atual administração, principalmente homens que, antes de se entregarem a essa tarefa - ou mesmo em outras tarefas, fora do ato servil têm se mostrado bem-pensantes.

E lícito supor-se que foi necessário muito "faturamento", para justificar a entrega de suas tribunas e de seus escritos a uma causa tão inglória como a de dar cobertura aos atos da atual administração. No íntimo, esses homens devem sentir a vergonha da sua condição de acobertadores.

A pergunta que fazemos, nesta hora de conferir, é:

Qual o preço da vergonha?

Em sábado de Aleluia

Xerife: Ele tinha orgulho desse nome. Na verdade alguém lhe disse um dia que ele seria inspetor de quarteirão. Ou apenas sonhou com isso. Mas assumiu o poder. E exorbitou do poder. E gostou do nome de Xerife. E usou até morrer.

As crianças tinham medo dele, e eu também era criança e também tinha medo dele. Não é que ele fosse violento. Ele era medonho.

Tinha um nome e um apelido, mas só o apelido ficou: Mericão. Ou melhor: Mericão, o xerife. O nome inteiro só para a certidão de nascimento, o certificado de reservista, o título de eleitor, o atestado de óbito.

Não havia quem respeitasse o Xerife. Era temido, mas temido não era a mesma coisa que respeitado. No sábado de aleluia as crianças o chamavam de Judas. E quando malhavam o Judas escreviam em cima dele, "Mericão, o Xerife".

Ele corria atrás das crianças, zangado.
— Bandidos, bandidos.

As crianças corriam dele com medo. E alegria. Era como se o Judas tivesse se personificado e saísse correndo atrás delas. Era um orgulho correr de Judas em pessoa.

— Judas, judas.

Ele ia, capenga, correndo atrás. Nunca houve notícia de que tivesse alcançado alguém. Mas alcançava os velhos trapos que queimavam o Judas — e apagava o fogo com fúria, como se o estivesse apagando de si mesmo. Arfava, porque era velho.

Tinha um boné caído sobre a testa. Era magro e curvado. Uma barba rala, falha e esbran-



quiçada lhe cobria o rosto, de onde apenas emergia o nariz vermelho dos bêbados, e onde no lugar de olho direito, notava-se algo semelhante a uma cicatriz.

Mericão, o xerife, não tinha idade. Parecia apenas ter todos os anos do mundo.

Morava numa casinha quadrada, no meio de um grande terreno cercado, e em volta da casa havia muito mato, um pouco de milho, um mameiro. Lá dentro moravam ele, e a mulher (Ou não era a mulher) e tres filhos, ou quatro filhos, ninguém nunca soube ao certo.

Dizem que ele bebia de magoa porque um dia e coisa e tal, como sempre gostam de dizer de alguém quando bebe.

Dizem que ele tinha um filho que um dia e coisa e tal, aquelas coisas que dizem para explicar algumas amarguras dos velhos.

As crianças não queriam saber se ele tinha ou não problemas, que as crianças não se interessam muito por essas coisas. Queriam malhar o Judas no sábado de Aleluia, e não tinham culpa se ele tinha cara de bruxo, se parecia um Judas.

Alguns velhos bondosos do bairro tinham pena dele e ralhavam com as crianças, e diziam que isso não se faz com um pobre velho.

Nas noites de sábado havia uma trégua e as crianças sentavam-se nas mesas do bar onde ele também se sentava para comer churrasco ou torresmo e ver luta livre na televisão.

Pouca gente conversava com ele e ele também pouco conversava.

Se havia algum atrevido que da mesa de trás jogava bolinhas de papel na cabeça de Mericão, o Xerife, havia sempre alguém que cortava a brincadeira porque aquilo não era hora de provocar, era apenas hora de ver luta livre na televisão.

Uma noite, quando Fantomas o Terrível aplicava uma chave de pernas no Urso Negro e a torcida urrava ninguém notou quando Mericão encostou a cabeça na mesa, bem devagar, e morreu.

As crianças no dia seguinte não foram no enterro do Xerife, mas alguns velhos bondosos foram.

Sandro Vaia

Plantão

Em seu trabalho "A Sign For Cain", o sociólogo, psiquiatra e criminólogo Fredric Wertham faz um profundo estudo sobre a escalada da violência. Esse estudo possibilitou a descoberta de fatos surpreendentes, a partir das execuções em massa nos campos de concentração. Wertham afirma que essas execuções foram planejadas, ordenadas e admitidas pelas mais altas autoridades.

A matança nos campos de concentração, insiste Wertham, não pode ficar em nenhuma das antigas categorias. Não foi bestial, porque até os animais mais ferozes não exterminam a própria espécie. Não foi bárbara, porque os bárbaros não possuíam técnicas tão organizadas, planejadas e avançadas para matar gente e transformá-la em produtos comerciais como fertilizantes. Não foi medieval; foi, sem qualquer dúvida, muito do século XX.

Não foi assunto estritamente nacional, pois os agentes não encontraram dificuldades em conseguir colaboradores — por sinal muito ativos em outros países. Não foi episódio passado, histórico, porque ainda permanece sem solução legal, política, psicológica e educacional.

Não foi ocorrência única, porque não há certeza de que não será repetida quando surgirem circunstâncias semelhantes. Não foi imprevisível catastrophe natural, porque foi prevista muito antes. Não foi trabalho de loucos porque muitos dos agentes e organizadores levavam (antes e depois da matança) vida normal, eram da burguesia comum, da classe operária, das profissões liberais, aristocratas ou intelectuais.

As pessoas mortas em campos de concentração, de acordo com os dados de Fredric Wertham, constaram prisioneiros políticos, judeus (o maior número), ciganos (o grupo mais com-

pletamente exterminado), eslavos, prisioneiros de guerra e civis indesejáveis. Calculou-se que 7.500.000 pessoas foram confinadas em campos de concentração, das quais apenas 500.000 sobreviveram, muitas delas apresentando sérias consequências físicas e mentais. O número de judeus mortos nos campos de concentração e fora deles é calculado entre 5.000.000 e 6.000.000. Descreve Wertham:

—... Podemos imaginar melhor a atitude oficial em relação às crianças através de uma cena vivida em Auschwitz. Uma criança pequena caminhava pelo campo. Em seu pescoço estava dependurado um cartão com o nome em letras maiúsculas. Isso era muito esquisito. Por que estaria usando aquilo? E que se tratava do filho do chete do campo, Aumeier, em visita ao pai; se não usasse o devido aviso poderia se agarrado e atirado num dos fornos de gás.

Wertham expõe que existem duas espécies de violência. A primeira violência acompanhada de emoção: sensações de ódio, sadismo, sexo ou outras paixões. A segunda variedade pouco tem a ver com as paixões pessoais do homem; é impessoal e burocrática, e aqueles que ordenam, comissionam e organizam, assim como aqueles que a executam, têm poucos sentimentos relacionados às vítimas, seja de simpatia ou ódio, são carrascos ou matadores.

Havia também o trabalho escravo, durante muitas horas por dia e também aos sábados e domingos. Nas fábricas particulares, que empregavam trabalho escravo — onde não havia comandantes de campos de concentração nem elementos da SS, as firmas consideravam-se com direito de fazer as pessoas trabalharem até à morte ou de matá-las com impunidade. Os lucros do trabalho escravo eram cuidadosamente computados. De acordo com os documentos oficiais, a duração média do trabalhador escla-

vo era nove meses.

As cinzas dos que eram cremados eram utilizadas como fertilizantes. As quantidades eram grandes e representaram sensível fator econômico. Foram usados em campos e jardins. Havia moinhos especiais para moer ossos humanos.

De acordo com a pesquisa de Wertham, entre os nomes mais conhecidos das firmas que usaram o trabalho dos prisioneiros de campos de concentração estão as seguintes: Krupp, Siemens, AEG (eletricidade), I.G. Farben, Volkswagen, Junkers, Messerschmitt, Heinkel, Argus, Borracha Continental, Daimler-Benz, Shell (em Florisdorf, perto de Viena) e Fábrica de Motores da Baviera.

Com a introdução de fornos de gás e dos grandes crematórios, o assassinato em massa tornou-se industrializado. Isso é algo novo tanto na história da violência quanto na economia. Empresas perfeitamente legítimas e altamente consideradas tomaram partes nelas. Por exemplo: uma grande empresa de eletricidade — a Siemens — inventou e produziu as instalações das câmaras de gás onde eram perpetrados os assassinios.

Pergunta Fredric Wertham: que aconteceu às firmas que usaram o trabalho escravo? Muitas delas — ou suas sucessoras — estão muito bem.

Suas ações são financeiramente sólidas, mesmo que não o sejam moralmente. Alguns dos homens e firmas preeminentes, envolvidos nessas fontes de trabalho, têm, atualmente, maior poder econômico concentrado do que nunca.

O que permite a Wertham concluir: "significa isso que na fase pós-violência a violência não foi solucionada e sim premiada".

Percival de Souza



O povo anda o E sofre e se



Julieta: é difícil chegar ao trabalho, pois tem que atravessar o centro.



Maria Aparecida: dificuldades quando a criança não passa bem.



Florípio: para ele, os culpados são os donos das empresas de ônibus.

"Isso quem decide é a COMUTRAN".
"Faremos tudo que o público exigir".

Estas afirmações, dos responsáveis pelas concessionárias das linhas de ônibus urbanos, publicadas no último número do J.2a., demonstraram boa vontade em resolver o problema. Por isso, foram ouvidas diversas pessoas que contaram o que se passa nos coletivos.

Se para al
um drama diár
tarde demais d
COMUTRAN, p
tos aos coletivo
ocupou interin
mais a populaçã

★ Estudante do Senai, 15 anos, Luiz Carlos Oliveira Pereira, morador da Vila Cristo Redentor, afirmou que "a noite não deveria ter ônibus até meia-noite, não gostaria que tivesse. Para mim, eu não gostaria. Por que?, não sei explicar".

★ Brevino da Silva, morador da Vila Esperança acha que precisaria de ônibus até mais tarde. "Pelo menos até meia-noite. Quando faço hora extra preciso voltar a pé. Também acho que precisaríamos uma linha que fosse até a estação. Quando queri ir até o Anhangabau preciso pegar outro ônibus e isso na praça da Bandeira".

★ O garçon Messias Paulino Neto, morador do Jardim Bonfilioli, falou que os seus ônibus, o Pirapora ou Jardim Bonfilioli, precisariam ser aumentados em número de horário da 16h e 30 até aproximadamente 20h e 30, pois muitos passam lotados.

★ "O que eu ruím é quando minha tia da Anhangabau, pois à pé. Para pegar o praça da Bandeira itinerário curtíssim não gastar dinheiro

★ Maria Aparecida da Silva moradora na Vila Comercial precisa tomar dois ônibus para ir ao SESI levar seu filho para um tratamento. Ela acha difícil e tem dificuldades quando a criança não está passando bem.

"Nessa linha há dificuldade para o ônibus, pois a rua não é asfaltada (av. Nações Unidas) e quando chove ele nem sempre desce até o ponto final".

E sugeriu: "deveria haver ônibus até pelos menos meia-noite, pois quando faço hora extra preciso sempre pegar um taxi".

Mauro Sergio
tudante, morador
ma.

★ Isaias Francisco de Moraes, morador no Jardim Danúbio, usuário do ônibus Vila Rio Branco e se queixa muito do troco que os cobradores nunca têm para devolver. "Deveriam aumentar mais horários para Jardim Danúbio pois as outras vilas têm mais do que nós".

★ D. Isabel Cristina Rodrigues acha ruim ter que pegar o ônibus na praça da Bandeira "porque é muito longe, fica difícil para quem tem criança, não no meu caso. De resto não tenho queixa nenhuma".

★ Maria Aparecida Montinho, moradora na Várzea Paulista e trabalho em Jundiá disse que os ônibus são muito apertados. "Tenho dificuldades para descer na Várzea às vezes. O troco preciso dar contado, senão não alguns cobradores não devolvem".

★ "Estudo no S
São Jorge. O meu
o Circular, que
18h40, que está se
do. Para ir ao A
vou à pé. O últim
está bom para mi
vou para a escola
sábado e domingo
peço para o cobr
prar. Seria bom se
na cidade".

"Em Curitiba os ônibus além de terem uma taxa de apenas Cr\$ 0,60 têm itinerário longo e o que é importante, inter-bairro o que não se vê em Jundiá.

★ "O itinerário de Campo Limpo é longo, por isso deveria ter mais horário de ônibus. Outro problema é para nós estudantes é o último horário às 11h e 20 min. o qual nem sempre é suficiente para quem sai correndo da aula".

★ "A rua é ruim, não tem abrigo no ponto final do ônibus. O horário precisaria ser pelo menos de 15 em 15 minutos. Às vezes ele está tão lotado que não consigo descer a não ser no ponto final. Inclusive é tão velho que tem um buraco deste tamanho no chão que outro dia espirrou barro para todos os lados, sujando até a janela", diz Florípio Moura, motorista de caminhão, morador da Vila Boreti, e usuário do ônibus Vila São Paulo.

Maurício A. F
tudante, morador
Arens.

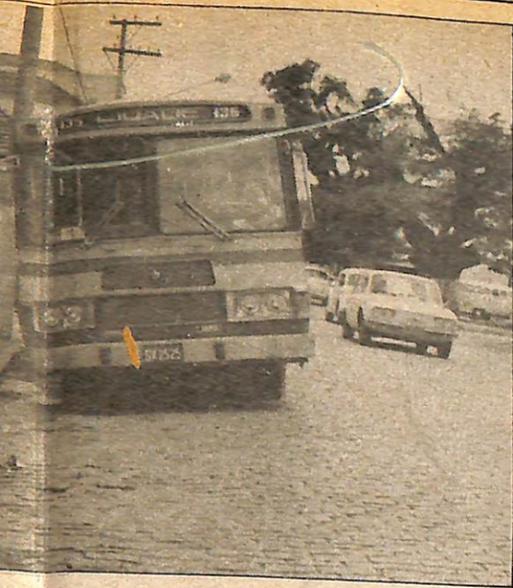
"A Três Irmãos é muito legal". Como eu ando muito de ônibus, posso lhe falar também de outras empresas, como por exemplo Auto-Onibus Jundiáense que tem ônibus velhos, que quebram à toa".

"Os passes não são problema para mim, é fácil comprar".

"O motorista e o cobrador não têm culpa, os donos da empresa é que são os culpados", sentenciou.

★ D. Julieta Dias auxiliar de Labora
Sesi, queixa-se da di
que tem que enfren
chegar ao seu traba
rando no Jardim
para ir ao Anhangab
no Banco do Brasil
ta ir até o largo Sant
pé, e na volta, prec
Largo Santa Cruz até
valcanti. "É muito c
e quando chove prec
taxi, ou pegar caron
ço e etinerário do
Branco é bom, no e
do Sesi por ser curta
cia é caro".

Eliana Gomes Pereira, moradora de Campo Limpo, 16 anos.



de ônibus. e queixa.

Para alguns os ônibus não são grande problema, para outros é diário, principalmente aos estudantes noturnos, que saem mais tarde da escola e não conseguem tomar o último ônibus. A AN, por sua vez, é que decide sobre quase tudo com respeito aos horários (horários, itinerários) e, segundo Leme do Prado, que preside o órgão, "nosso objetivo visa a melhoria". Nós fomos ouvir o povo. E agora?

eu acho mais difícil vou visitar a escola que mora no bairro pois vou sempre pegar o ônibus na rua e andar um pouco, prefiro ir de metrô".

ergio Moran, es-
tador da Agapea-

no Senai e na
meu ônibus é
que tomo às
está sempre lota-
ac Anhangabaú
último ônibus
ra mim, quando
escola, o ruím é
mingo. O passe,
cobrador com-
om se vendesse

A. Ferreira, es-
tador da Vila

a Dias Pinheiro,
Laboratório do
se da dificuldade
e enfrentar para
u trabalho. Mo-
arém Danúbio,
nhangabaú desce
o Brasil, necessi-
rgo Santa Cruz à
ta, precisa ir do
Cruz até a av. Ca-
muito cansativo,
ove preciso pegar
ar Arona. O pre-
rio do Vila Rio
m, no entanto o
er curta a distân-

★ Correndo para não perder o ônibus, que estava saindo do ponto, **Walter Francisco** disse que "para comprar passe preciso mudar meu horário de almoço. Saio então ao meio-dia e entre às 14h, pois a venda, na Viação Jundiense, pára na hora do almoço. Seria bom que fosse vendido na cidade. Quanto aos horários, não me preocupam, pois apesar de estudar à noite, nunca tomei o último ônibus".

★ "O último ônibus poderia ser às 24h, pois sempre existem problemas de sabatina na última aula, às vezes o professor têm tolerância para deixar a gente sair mais cedo, mas nem sempre" disse **Ricardo Maroti Filho**, estudante, morador de **Campo Limpo**.

★ "Nesse horário o ônibus vem muito lotado", disse **Silas Ney Gonçalves**, interrogado no ônibus da Vila São Paulo. Era 12h e 40. "De manhã, na hora do almoço e depois das 17 horas é sempre assim. Para comprar passe preciso ir até a Ponte de São João e perco muito tempo", reclamou ele, que tem 14 anos, mora do Jardim Boreti e é usuário da Vila São Paulo, dependendo do horário para trabalhar no Forum.

"O Vila Cristo Redentor finalizou - fica muito longe, assim pego Vila São Paulo, mas como tem pouco horário, às vezes perco hora.

★ Seria a centralização de um núcleo escolar, que traria uma série de benefícios, e aonde viriam os alunos transportados por ônibus especiais. Essa centralização é vantajosa do ponto de vista pedagógico, econômicos, aonde poderia haver mais professor que tem que se locomover a distâncias enormes para lecionar, às vezes em escolas que não tem condições nenhuma de desenvolver seu trabalho.

Com a criação do 1.º grau de 8 anos, além dos inúmeros problemas e dificuldades que uma mudança de infraestrutura acarreta, ainda tem um problema sério que é a situação geográfica das escolas isoladas. Os fazendeiros e sitiantes não tem como fazer seus filhos estudarem a não ser que possuam uma verba disponível para pagar uma condução própria para os filhos, para que eles, frequentemente a escola.

Nem todos podem reclamar dos ônibus, pois para isso é preciso que estejam enquadrados na zona urbana. É o caso de **Antonio Aparecido Ferreira**, morador da Serra do Japy, no Sítio do Morro. Antonio tem um filho, Antonio Carlos Ferreira Gois, de 15 anos que não pode estudar mais do que a 3ª. série por dificuldade que tem para ir em outra escola. "São 12Km. diz Antonio, mas de charrete leva mais do que 1 hora pois é muita subida. Assim meu filho não pode estudar mais".



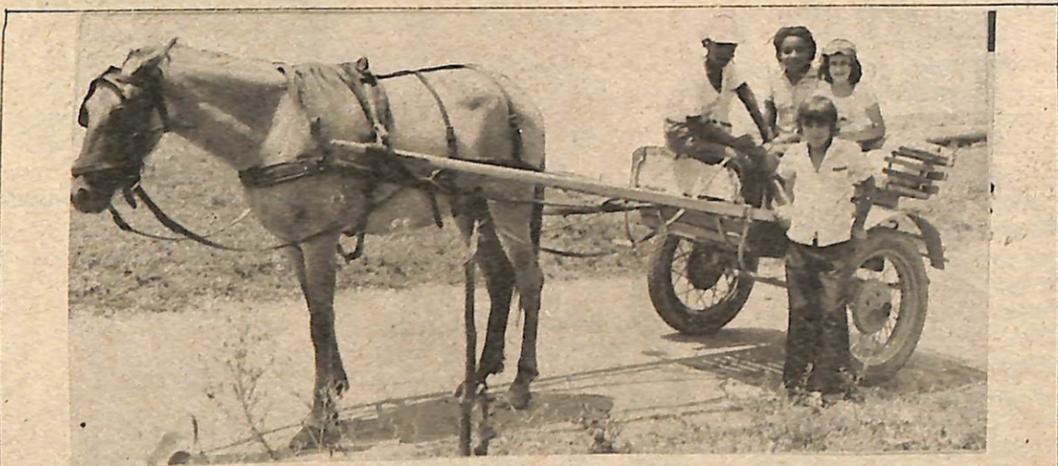
Isabel Cristina: os ônibus na Praça da Bandeira estão em lugar ruim.



Isaias: é preciso mais mais ônibus para o Jardim Danúbio.



Messias: deveria haver ônibus até pelo menos meia-noite.



Crianças da Escola Mista da Fazenda Santa Clara que fica aproximadamente 8 Km do Grupo Escolar de Vila Maringá estão com dificuldades para continuar os estudos na 5ª. série por falta de condução. Utilizam a charrete quando os pais podem ceder, no entanto, como isso é raro, precisam ir a pé. Assim 11 crianças estão condenadas a não mais estudar.

ecco!

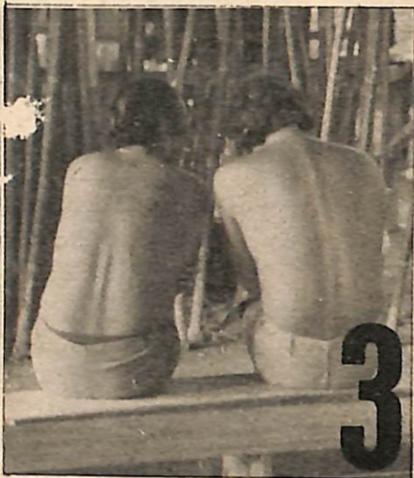
"Retumbante goleada", saíram dizendo os formais rapazes do "Jornal da Tarde", a bordo de seus imensos carrões, logo ao término dos barris de chope — jogo de fundo da jornada realizada no dia 13 de março (puxa, quanto tempo).

Referiam-se, possivelmente, ao duvidoso 7 a 3 do jogo preliminar, quando um incontável número deles se revezou, até conseguir vencer, pelo cansaço, o bravo esquadrão deste semanário, numa pe-

leja, aliás, de irrevelante significado, de vez que o motivo do congraçamento era cívico-social.

A parte cívica, de rápida duração, constituiu-se principalmente de brados lembrando o nome do prefeito, sempre o juiz da partida de futebol cometia algum deslize.

Já a festividade social teve momentos de inesquecível beleza, dos quais publicamos, hoje, os principais registros.



1 Certo de que o jogo de futebol seguiria as regras cavaleirísticas das antigas liças medievais, o ponta-de-lança do J 2a, Roberto Cury, oferece o gol, que prometeu fazer na fraca defesa adversária, a Valdice Picchi Martinho. Esse era, aliás, o espírito da confraternização infelizmente, mal compreendido pelos funcionários da empresa "O Estado de São Paulo S/A", que abusaram do jogo pesado (o lateral-direito do time do JT, por exemplo, chegou a comer 3 quilos de carne! Mal passada!).

2 Célia de Freitas, chefe uniformizada da torcida, achou que a vitória dos inimigos não venceu. "Nós atacamos o tempo todo. Eles desceram, 7 vezes e tiveram sorte nas finalizações." E concluiu: "Nossos rapazes, além do mais, são muito mais bonitos".

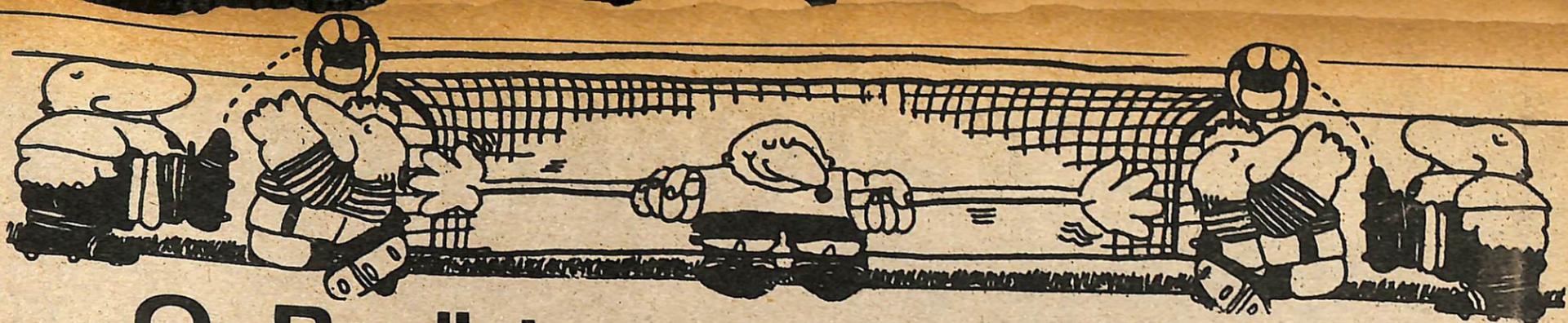
3 "Que tal a gente deixar que eles façam uns 7 gols?", confabulavam, antes do jogo, dois dos grandes valores da equipe J 2a., Araken Martinho (de costas) e Cury (também). "O importante é competir", responderia um deles, sem poder ser identificado por nossa fotógrafa.

4 "Que jogo é esse?" pergunta o center-four Eduardo de Souza Filho (ex-integrante da seleção sueca), diante de alguns disparates cometidos, pela dupla de visitantes, em nome do "truco".

"Que jogo é esse?", exclama a platéia estupefata, formada por Patricia Oliva Oliveira, Flávio Ribeiro, Kazuo Inoue e outros que recusaram a se identificar.

5 "Il vero trucco" foi disputado pelos Ex-mos. Srs. (a partir da esquerda pela ordem de descarte): Antonio Augusto de Oliveira, Renato Camargo de Andrade, Araken Martinho, Gerson de Oliveira, Flávio Ribeiro e Ararê Martinho.

6 Bem humorado, Meyer Ben Herman (em pé), Araken Martinho e Cury (de novo?) falam sobre amenidades. Instantes depois leriam, com pesar, a matéria do fundo do J 2a, denunciando o uso que vem sendo dado às Unidades de Serviço pela Prefeitura. Houve, a seguir, um minuto de silêncio.



O Paulista e um grandalhão que ousou enfrentar Ali

Alberto Lowell Júnior nunca foi jogador de futebol e jamais vestiu, nem mesmo por brincadeira, a honesta camisa do Paulista de Jundiaí. Então, o que teria a ver essa grandalhão argentino, um peso-pesado que um dia ousou enfrentar Muhammad Ali, com o inofensivo Paulista, que vive perdendo dos grandes e dos pequenos no Campeonato?

Talvez nada, talvez muito. Não sei se lembram bem da história do bom Alberto, o lutador contratado espe-

cialmente para lutar contra Muhammad Ali (Deus me livre de chamá-lo de Cassius Clay: foi assim que Ernie Terrel teve sua cara amarrada, ouvindo a cada soco a pergunta de Ali: "Como é mesmo o meu nome? Como é mesmo o meu nome?"), em 1971, no ginásio do Ibirapuera.

Antes de subir ao ringue, confortavelmente instalado num apartamento de San Raphael Hotel, Alberto Lowell Júnior falava menos de Clay (perdão, Muhammad) do

que dos poemas de Pablo Neruda ou das façanhas de seu pai, Alberto Lowell, este sim um terrível pugilista dos anos 40, quase imbatível dentro de um ringue. Quando alguém perguntava sobre Muhammad, o bom Alberto confessava:

— Ele é um astro, é um campeão. Eu sou apenas um coadjuvante, entro no ringue só para ajudá-lo a mostrar sua arte.

E esse foi o pensamento de Lowell até subir ao ringue, diante de Muhammad o

negro imponente, que o esperava com a sua eterna cara de mau, os olhos bem arregalados, que o teriam assustado não fossem doces as suas palavras:

— Vem, meninão, eu não vou machucar você dizia Muhammad ao já não muito calmo Alberto.

Mesmo assim, Lowell tomou suas precauções: cobriu a cabeça com um capacete, colocava sempre que podia as luvas protegendo a boca, os olhos, principalmente os dentes:

— Sem eles, eu não poderia mais sorrir.

E Lowell foi levando a luta até o terceiro assalto, ouvindo impassível os gritos do público que, percebendo a pouca disposição de Muhammad Ali, incentivava o argentino a fazer nome, a desvirar o mito que estava à sua frente, a tentar um incrível golpe

— Calma, meninão, que eu não machuco você - advertia Muhammad.

Mas a glória estava tão perto, tão ao alcance de suas mãos, que Alberto Lowell não resistiu: arrancou o capacete da cabeça, tirou as luvas de frente a boca, acertou um soco no braço de Muhammad. Foi pena ter levado aquele jab que deixou sua orelha esquerda vermelha: colocou de novo o capacete no outro assalto, nem mais chegou perto de Muhammad, terminou a luta sem glória, sem aplausos, sem defesa e sem ataque. E, no vestiário, voltou a falar dos poemas de Neruda.

Se o Paulista não é Alberto Lowell Júnior, pelo menos se parece com ele: chegou ao Campeonato da Divisão Especial como um modesto coadjuvante, na época em que tinha 7 ou 8 jogadores emprestados do Guarani. Mas, pois, vendo que os adversários não eram assim tão duros, o presidente Vanderlei Pires gritou para a cidade:

— Se vocês me ajudarem, eu faço do Paulista um novo Santos.

Nem se tornou um novo Santos, nem foi o Paulista que Jundiaí esperava: as derrotas foram suficientes para que o time se encolhesse, para que os dirigentes se escudassem no tradicional "não podemos fazer loucuras", os exemplos de Guarani e Ponte Preta, clubes tão próximos, não serviram sequer para que fosse formada uma verdadeira escolinha de futuros craques.

O Paulista está cada vez mais parecido com Alberto Lowell Júnior às vésperas de uma humilhante campanha no Campeonato Paulista que lhe parece terrível, tão assustador quando o jab de Clay (perdão, Muhammad) que deixou vermelha a orelha do lutador que amava os poemas de Neruda.

Roberto Avallone

RESPOSTA

1) O Ibis continua mal. Sai ano, entra ano, e ele continua fraco, sempre caindo pelas tabelas. O Ibis é o penúltimo colocado do Campeonato:

- a) baiano
- b) cearense
- c) pernambucano
- d) paranaense

2) Domingo, dia 28 de março, o Jundiaí Clube ficou campeão estadual de basquete juvenil masculino orientado por:

- a) Nestor Mostério
- b) João Francisco Brás
- c) Ângelo Nunes Dias
- d) Olivo Binoto

3) O primeiro gol do Paulista no campeonato de 1976 foi marcado contra:

- a) Juventus
- b) XV de Piracicaba
- c) São Paulo
- d) Marília

4) Zico, considerado por muitos como o sucessor de Pelé, forma no ataque do Flamengo ao lado de seu irmão:

- a) Caio
- b) Edu
- c) Luisinho
- d) Tadeu

5) Finalmente, Emerson Fittipaldi conseguiu seu primeiro ponto no Mundial de Fórmula-1, pilotando o Copersurcar. A classificação que lhe valeu esse ponto foi a:

- a) oitava
- b) 12a.
- c) 6a.

d) foi por ter chegado até o fim da prova.

e) não conseguiu ponto algum.

b) O autor do primeiro gol do Brasil na vitória de 3 a 1 sobre a Checoslováquia, no Mundial de 62, no Chile, foi:

- a) Amarildo
- b) Zito
- c) Masopust contra
- d) Vavá

7) Começou a se interessar pelo futebol em 1954, trabalhando como psicólogo no Departamento de Árbitros da FPF. Em 1958, foi incluído na Comissão Técnica da Seleção Brasileira que disputou o Mundial da Suécia. Seus métodos psicológicos são empregados até hoje no futebol. Morreu no dia 30/3, de embolia cerebral:

- a) Vicente Feola
- b) Hilton Gosling
- c) Mário Trigo
- d) João Carvalhaes

8) Das relações abaixo, só uma é de novos jogadores convocados por Brandão para a seleção que disputa a Copa do Atlântico:

- a) Enéas, Murici, Oscar e Toninho (Palmeiras)
- b) Enéas, Gil, Marco Antônio e Joãozinho
- c) Enéas, Gil, Oscar e Murici
- d) Enéas, Rivelino, Marco Antônio e Joãozinho

9) Paulo Lumumba, novo técnico do Grêmio de Porto Alegre, já jogou num destes clubes paulistas:

- a) São Paulo
- b) Coríntians
- c) Portuguesa de Desportos
- d) Juventus

Respostas: 1) c; 2) c; 3) a; 4) b; 5) c; 6) a; 7) d; 8) b; 9) a.

Célia

DISCO



Na praça, para "aplausos febrís dos corações", o segundo LP. da sensacional Waleska, a maior cantora brasileira de todos os tempos.

Se a Elizeth Cardoso é a "divina", por obra e graça do saudoso Stanislaw Ponte Preta, Waleska é a celestial, por minha conta e risco.

A exemplo do primeiro, esse segundo LP. de Waleska, foi gravado pela Copacabana, com direção artística de Paulo Rocco. Os arranjos, desta vez, são dos maestros Messias Santos Jr. e Ribamar.

Essa bolacha de Waleska é recheada com ingredientes ainda mais requintados do que a primeira. Senão, vejamos: *Valsinha*, de Chico Buarque de Hollanda e Vinícius de Moraes; *Eu não existo sem você*, de Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes; *Canção da Volta*, de Antonio Maria e Ismael Netto; *Não tem Solução*, de Dorival Caymi e Carlos Guinle; *Mormaço*, de João Roberto Kelly; *Pretexto*, de Sérgio Bittecourt; *Por Deus*, de Sérgio Bittecourt e Beto Quartio, etc., etc., etc.,

Por essa pequena pala, voce pode ter uma idéia do quanto é importante, urgente, inadiável, que você adquira esse disco que custa Cr\$ 56,00 (vale muito mais).

Se você não tiver dinheiro, venda toda a sua discoteca e compre o segundo LP. da celestial Waleska.

Sais lucrando, podes crer.

LIVROS

CHICO ANISIO



O autor, desta vez, faz a narrativa de dez casos nordestinos - tão ao seu gosto -, cuja leitura nos dá a saber como se pode sofrer por causa de um sapato apertado, de como um padre conseguiu passar o conto do vigário, o porque do povo de Birigüá afirmar que "mulher que escorrega uma vez, fica com sabão no salto", e, mais um pacote de coisas do gênero.

Nos casos intitulados *Morte Matada*, *Teje Preso*, *Xangô e Eimanjá*, *Respeito* e outros. Chico Anísio, com aquele seu estilo todo próprio de ir dizendo, sem pressa, mistura o alegre com o patético, e, o melancólico com o surpreendente.

A linguagem de Chico Anísio é simples, fácil, direta, e, tão despojada de rebuscados, que é como se ele estivesse falando à uma roda de amigos do qual o leitor faz parte.

Teje Preso consta entre os dez livros nacionais mais vendidos na atualidade, custa Cr\$ 25,00 e está à venda na Livraria Anhanguera para você comprar, ler e conferir.



Uma Bala Perdida, Sete Garfos, O Homem nas Mãos, O Morto, e o que dá título ao volume, são alguns dos contos de Origenes Lessa, que a Livraria José Olympio Editora lançou sob o título de *Balbino, O homem do Mar*, um livro que custa Cr\$ 10,50 por ter sido editado com a participação do INL/MEC.

Origenes Lessa é, com muita justiça, considerado um dos maiores contistas da nossa história literária. E, nesse seu *Balbino, O Homem do Mar*, principalmente, não se pode - se quisermos fazê-lo um mínimo de justiça - afirmar qual o conto melhor, pois que todos eles são igualmente contos maiores. Aliás, como em toda a obra de Origenes Lessa, nessa, não existem contos menores.

O que mais impressiona nesses contos de OL., à a espontaneidade que o autor, num esforço constante de artesanato literário, de vigilância e aplicação, consegue dar às frases curtas, e ao diálogo.

A elaboração do mínimo pormenor, é sempre feita e colocada no lugar justo, para efeito de verossimilhança, por Origenes Lessa que é, ainda, autor de famosos romances, como, por exemplo, *O Feijão* e *O Sonho*, *O Evangelho de Lázaro*, *A Noite Sem Homem* e outros.



COZINHA
JUNDIAIENSE
LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA, 408
FONES: 6-6392 E 6-2461

Porguido

RESTAURANTE
Wyskeria

Carnes "Santa Gertrudes"
Chopp-Claro e Escuro

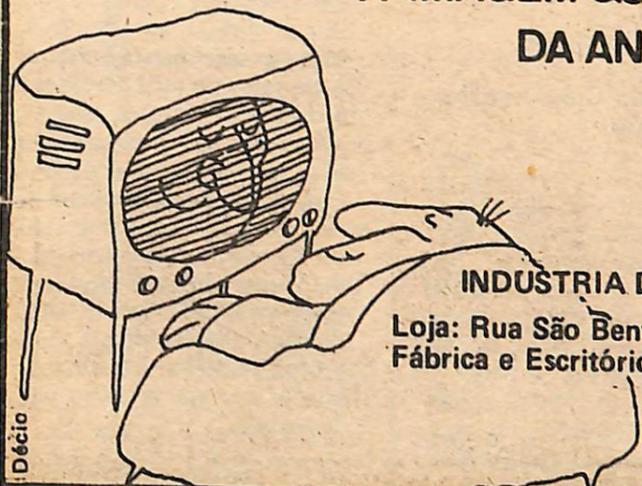
Aguarda a sua visita
Rosario, 670 - fone 4-3201

A IMAGEM QUE VOCÊ VÊ, DEPENDE
DA ANTENA QUE VOCÊ TEM.

TEMOS UM TIPO DE ANTENA
PARA CADA NECESSIDADE

INDUSTRIA DE ANTENAS JUNDIAI LTDA.

Loja: Rua São Bento, 126 - Telefone 6-8164
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, Km 60,800
Telefones 6-1111 e 6-8142



SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

Leitura

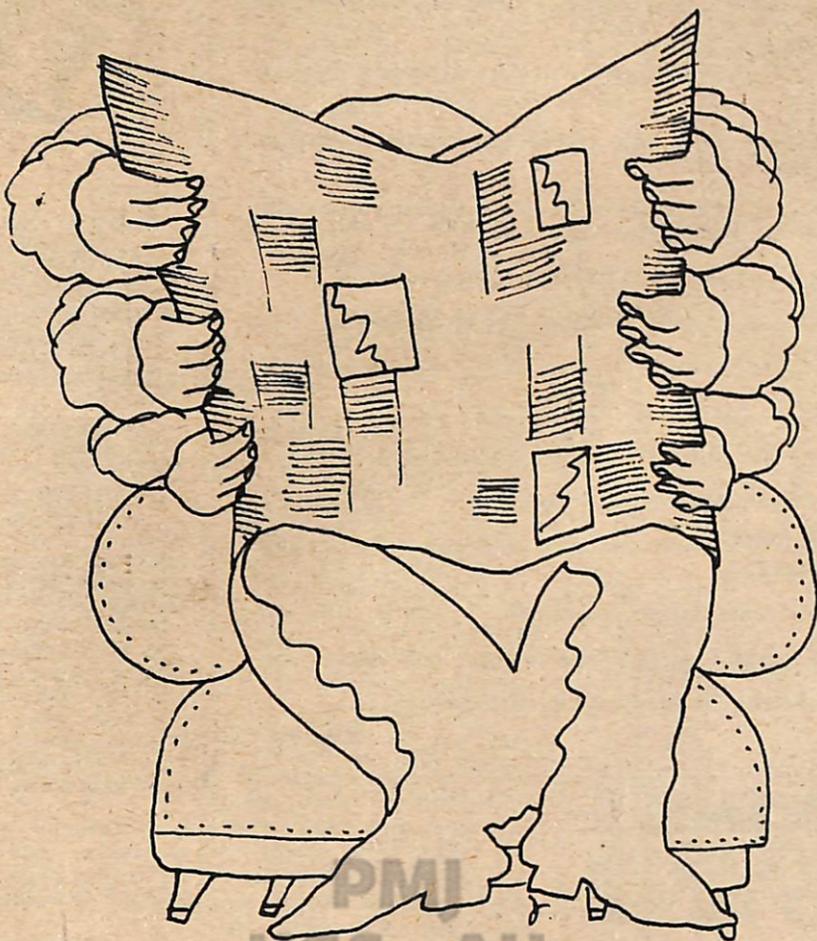
dinâmica

Não é difícil de entender por que um jornal como o Daily News, de Nova York, tem uma tiragem de aproximadamente dois milhões de exemplares por dia; ou como o New York Times, aos domingos, tira um milhão e meio de exemplares; ou, ainda, por que uma revista como Family Circle tira mais de oito milhões de exemplares por mês; simplesmente porque há leitores.

De maneira geral, o norte-americano lê muito, tanto jornais e revistas quanto livros. E as oportunidades de se editar um livro são tantas que qualquer pessoa que tenha sofrido uma experiência extraordinária pode escrever um. Steven Weed, por exemplo, noivo de Patricia Hearst, acaba de publicar um livro chamado Minha busca por Patty Hearst, lançado quando começava em San Francisco o julgamento da filha de Randolph Hearst; boas reportagens publicadas em jornais e revistas muitas vezes também acabam sendo transformadas em livros.

E geralmente a publicação é feita em capa dura e brochura, para atingir pessoas de todas as faixas de renda (a edição em brochura geralmente custa 20% da edição de capa dura). O volume de livros publicados é tão grande que o New York Times tem um caderno especial só para isso, o New York Times Book Review.

É muito raro que num ônibus ou num carro de metrô não se encontre ao menos uma pessoa lendo; em horários de rush, pode-se contar no mínimo um terço dos passageiros vendo os jornais vespertinos, revistas ou livros. Nesse ambiente, pode-se dizer a, grosso modo, que os homens lêem mais jornais, enquanto as mulheres preferem livros e revistas.



ta um dólar para comprar seus primeiros quatro livros (que lhe custariam perto de 40 dólares). Para se manter como sócio, basta que durante os 12 meses seguintes concorde em comprar ao menos outros quatro livros aos preços normais do clube. O sócio certamente não pagará 25 centavos outra vez por um bom livro, mas ficará mais barato do que adquiri-lo numa livraria. Para garantir preço reduzido, os editores empregam papel e encadernação de qualidade inferior.

A facilidade de se ter bons livros vai ainda longe: como no Brasil, existem muitos sebos, especialmente na baixa Broadway, em Nova York, onde se pode comprar por três dólares edições que custariam vinte quando novas e frequentemente livrarias como as da cadeia Marboro Books fazem liquidações de seus encalhes: por preços que variam de 95 centavos a três dólares, pode-se encontrar volumes interessantes, como uma reprodução do catálogo

Sears, de 1908. Às vezes, por por menos de um dólar consegue-se comprar numa liquidação livros que em outros lugares ainda custam dez vezes mais.

Enfim, o mercado é tão bom e vasto que hoje empresas como o New York Times Inc., Daily News e Play boy editam livros; e uma próspera editora chamada Charles Scribers & Sons chegou a essa boa posição apenas vendendo livros desde o século XIX.

Paulo Brito
(de Nova York)

É extremamente comum uma mulher, depois de sentar-se, tirar da bolsa um livro de bolso que lerá no ônibus até a hora de descer. E apesar dessa qualidade de leitor, que produz um saudável mercado editorial, os editores ainda se ressentem da ausência dos adolescentes e crianças mais interessados em televisão.

Além de serem oferecidos não só em livrarias mas tam-

bem em farmácias, supermercados e bancas de jornais, os livros nos Estados Unidos alcançam qualquer assunto que possa ter interesse público. Por exemplo, assim que um filme entra em cartaz, é colocada à venda a estória ou o roteiro; e há fatos surpreendentes, como encontrar um livro chamado My sweet orange tree, de um certo José Mauro de Vasconcelos; ou um chamado

Arigo, que trata de um brasileiro, que fazia milagres em Minas.

Mesmo dispondo de um mercado tão favorável, os editores não descuidam da propaganda: os livros são anunciados em revistas, jornais e às vezes até pela TV. E os grandes editores, como Time Inc. e Doubleday, por exemplo, oferecem as vantagens de seus clubes do livro nos quais o sócio apenas gas-



**CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.**
r. Siqueira de Moraes n° 578
8° andar - conjunto 801 - C



**RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL**
REVENDEDOR AUTORIZADO
**COMERCIAL PANIZZA
LTDA**
BARÃO-427 FONE-6-8231



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL
VIA ANHANGUERA, KM. 72



**FOTOCOPIADORA
MALTONI**
TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX
DA CIDADE
Rosário, 618 Fone - 6-8460

JORNAL DE 2ª

**TODA 2ª FEIRA
NAS BANCAS**

**Açougue e Casa de Carnes
Marcio Cacezes
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880**

**Foto Gelli
Rua do Rosário, 334
Fone, 4-2253**

**Foto Luiz
Rua São José, 22**

Pufs!

Malthus é o nome que os ingleses dão aos seus primogênitos.
Tamalião é um pequeno vertebrado que não tem olhos nem dentes.
Bezerro de ouro era o prêmio máximo do teatro hebreu.
Antilope é um eficiente tratamento contra a homossexualismo.
Buenadicha foi o centro-avante da seleção uruguaia que mais fez gols à base da sorte, em toda a história do futebol.
Visnu é a mais famosa colônia de nudismo da Índia.
Voto distrital é um plebiscito que elege os delegados de polícia.
Des Oiseaux é uma granja francesa, onde se criam franguinhos de leite.
Tartufo era um penteado exótico usado pelas damas da corte do Czar.
Baudelaire era o nome dado às casas de tolerância francesa, no fim do século passado.
Jenipapo foi um médico de mulheres que inventou a medicina psicossomática.
Alforria era uma sacola feita com o couro de escravos.
"Per Bacco", em napolitano, significa "Dê-me um beijo".
Santo Sepulcro foi enterrado vivo.
Congênito são gêmeos que já nascem doentes.
Taciturno é uma espécie de tristeza que só dá à noite.
Miocárdio é uma saborosa sopa italiana.
Cordon Bleu foi uma cozinheiro que serviu a quase todos os presidentes da França.
Tucunas são flexas muito ponteadas.
Emboada é uma fruta silvestre muito apreciada pelos índios.
Mortalha é o nome dado ao massacre de mendigos.

Zarteu

OS BONS IMOVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Jardim Brasil - living, lareira solário, sala de jantar, copa/cozinha, 3 dormitórios com armário e closed, 2 banheiros área de serviço, dep. empregada, quarto de despejo, garagem 4 carros, aquecedor central, grande jardim e local para piscinal Terreno de 732 m2. Facilita-se.
Cr\$ 950.000,00 Oferta Ribeiro.

JARDIM MORUMBI - Nova, living (9x4), 3 dormitórios, com arm. (1 tipo apartamento), copa-cozinha, 2 banheiros sociais, dependência para empregada, área de serviço, abrigo para 2 carros, jardim e quintal. Cr\$ 700 mil à vista. Facilita-se. Oferta: Ribeiro.

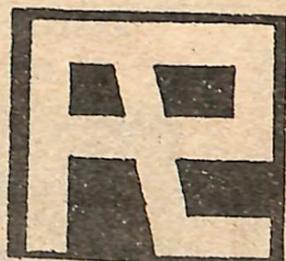
Várzea Paulista - 4.500m2 contendo casa c/ dormitório sala copa, cozinha, banheiro poço, luz pomar. Cerca de pilares. OPORTUNIDADE..... Cr\$ 250.000,00. Oferta Ribeiro.

Figueira Branca - Área de 2.940 m2, contendo casa pré-fabricada Bel - Recanto c/ sala, 2 dormitórios, cosibanheiro, grande varanda frontal e garagem; peq.casa p/ caseiro; luz, pomar, poço c/ bomba, cercada e gramada Aceita-se apart. em S.Paulo Cr\$ 400 mil. Oferta Ribeiro.

Anhangabau - área de 615 m2 medindo 12,50x50m de fundo, com duas casas medias, excelente localização. Oferta.. Recreio Lar.

Estrada de Itú - área de 12.000 m2 contendo casa seótima, com 3 quartos, sendo um tipo apartamento, mais 2 banheiros, sala em L cozinha com armário, pia em aço inox, varanda, quarto de despejo com poço e bomba elétrica, duas casas para caseiros, diversos pés de frutas distante do asfalto 200 metros. Oferta Recreio Lar.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiá, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

**RIBEIRO
IMÓVEIS**
administração

e vendas

rua mal. deodoro da
fonseca, 479
tel. 6-6388



"No momento, boiam as denúncias de que, no Paraná, o erário estadual vinha sendo aliviado, há vários anos, para subvencionar a imprensa local. O contribuinte para impostos e os impostos pagam notícias agradáveis aos governantes. Assim, quem compra jornais para descobrir o que é feito com o dinheiro arrecadado de seu bolso acaba sendo vítima de um caso singular de bitributação". (Marcos de Sá Correa, Jornal do Brasil de 28/3)

"A cidade cresce, de forma harmoniosa, preparando-se de forma adequada para as exigências do século XXI". (Jornal da Cidade, 28/3)

"Moça, veja só: se nós, aqui da vila mesmo, temos que fazer fossas no corredor de nossas casas, porque nem mais saída de água tem, com uma casa atrás da outra, imagine esses pobres coitados que agora estão beirando a pista". (Um morador, sobre a favela da Vila Maringá)

"As famílias residentes naquele local da Vila Maringá poderiam receber a tão implorada "ajuda da Prefeitura", pois existe muito material sobrando, consequentes das muitas desapropriações realizadas em nossa cidade. Esse material não é fornecida porque a intenção da Prefeitura é, justamente, impedir a proliferação destes barracos, onde reina o desemprego. E é isso que se deseja evitar". (Paulo de Luna, diretor da Saúde da Prefeitura, sobre a favela da Vila Maringá)

"Durante quarenta anos não tive um único dia de férias, não vi um médico, não tomei um remédio. Achava que era invulnerável. Meu corpo deu-me uma lição de prudência e humildade. Tentei aproveitá-la". (Luchino Visconti)

"Não há dúvida de que as nossas ruas estão em péssimo estado, aumentando muito o gasto da manutenção dos ônibus. Parece que o prefeito atual está pensando em asfaltar as ruas. Se isso fosse feito o gasto da empresa seria bem menor". (Omair Zomignani, diretor da Auto Ônibus Jundiá Ltda.)

"Estatuto não se pede. A APM é uma entidade privada e seu estatuto está no Registro Público para ser visto por quem se interessar. Ninguém pode se mostrar ignorante perante a lei. Foi um cochilo muito grande da assessoria do Ibis, vindo me pedir que lhe mostrasse o estatuto da APM". (Wilson José, presidente da Associação Paulista de Municípios, JJ 27/3)

"Vivemos um tempo de recusa coletiva e de ignorância em massa". (Osmar Utinguassú, Correio do Povo, Porto Alegre, 27/2)

"Lembrando aos vereadores que apenas 17% de nossas vias públicas possuem pavimentação asfáltica e que 21% se acham calçadas precariamente, permanecendo os restantes 62% de vias sem nenhum tipo de pavimentação, o prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz encaminhou à Câmara Municipal projeto de lei objetivando autorização para a Prefeitura contrair um novo empréstimo, desta feita junto à Caixa Econômica do Estado de São Paulo e no valor de Cr\$ 70.000.000,00, destinado ao asfaltamento de novas ruas". (JJ de 25/3)

"Mais 70 milhões. Pobre povo. Exatamente para o asfaltamento, ou seja, para gastar nesse serviço, que vem sendo executado de forma mais abusiva, lesando o patrimônio municipal e a economia dos contribuintes". (Jornal de 2a., semana de 22 a 28/3)

"Consoante notícia inserta nos jornais, o sr. Ibis Cruz declarou que vai consignar, no orçamento municipal do exercício vindouro, verba de um milhão de cruzeiros para estimular o carnaval de rua, a molde do que acabou de fazer". (Jornal de 2a., 22 a 28/3)

"O São Paulo que se cuide". (JJ de 25/3, sobre o jogo com o Paulista)

"Arquêmenes que o diga". (Sandro Vaia, Jornal de 2a., 29/3 a 3/4)

"Se o DAE procedeu a vistorias e não encaminhou ao deputado o relatório da vistoria, como é que o prefeito informa que não há necessidade de tais obras? (Deputado Jayro Maltoni, Diário Oficial de 24/3, sobre a afirmação do Prefeito Ibis Cruz de que Jundiá não necessitava das obras para canalização dos rio Jundiá e Guapeva)

"Nos Estados Unidos, o assassinato de Kennedy, jamais esperado levou o vice Nixon à Casa Branca". (De um professor de História e jornalista, num editorial sobre "A importância dos Vice". Jornal da Cidade, 28/3/76)

"É uma displicência condenável". (Do mesmo professor e jornalista, no mesmo editorial, no mesmo jornal, do mesmo dia.



TURISMO À MODA DA CASA

O turismo, chamado "indústria sem chaminé", cresce à medida que há uma conscientização maior da sua necessidade e da sua ampliação do conhecimento e alargamento dos horizontes culturais.

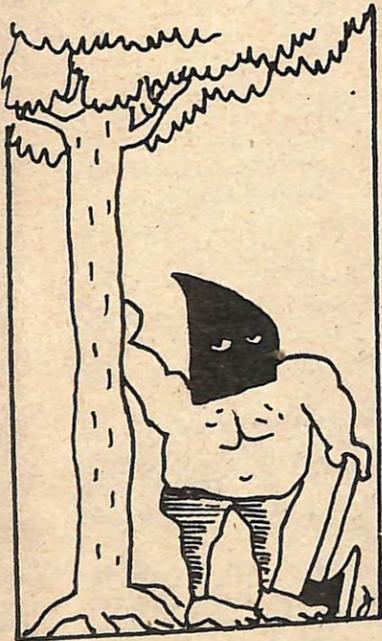
Jundiaí tem uma agência de turismo que muito tem colaborado com os cidadãos que têm vontade de conhecer as regiões brasileiras, é a **São João de Turismo**.

Colaborando com essa "indústria", abriu outra agência na cidade, é a **Alitur**: aliança das empresas de ônibus Piccolotur, Istatur, Jundiá, Serrano.

TODO CUIDADO É POUCO

Os flamboyants da Praça da Bandeira estão tão bonitos que a gente já começa a ficar com medo deles serem arrancados para darem lugar a alguma obra prioritária-provisória.

Esses flamboyants já existiam da Era de Progresso que assola Jundiaí. (E.M.)



Alitur funciona desde dezembro, estando por ser inaugurada oficialmente em breve.

Sob a gerência de Lídia Colaferri de Campinas, foram feitas as duas primeiras excursões da agência dias 17 e 20 deste, para o teatro Castro Mendes de Campinas, com cartaz a peça **A Gaiola das Loucas**.

A Alitur pretende incentivar o turismo nacional com viagens semanais para Foz do Iguaçu, Brasília, Cidades Históricas de Minas, Rio de Janeiro, Bahia. Para quem quiser mais informações é só ligar para 4.1762, e boa viagem! (Regina).

ECOS DE CARNAVAL

Jundiaí não conseguiu nenhum voto nos concursos do Carnaval carioca, embora estivesse representada pelo vereador Carlos Ungaro, que desfilou os quatro dias, em carro da Câmara Municipal.

Pelo jeito, o vereador é alegórico somente na terra de Petronilha.

ACIDENTES A TRINTA POR HORA

O Vaticano acaba de fazer uma revelação surpreendente: apesar de seu pequeno tamanho, o número de acidentes de trânsito no Estado papal cresceu de maneira alarmante, ultimamente, embora a velocidade máxima permitida em suas ruas seja de apenas trinta quilômetros.

Conclusão: a gendarmaria da Santa Sé vai adotar a linha dura entre os motoristas romanos.

À QUEM POSSA INTERESSAR

Na banca de jornais da Vila Hortolândia existe um painel onde qualquer morador do bairro pode afixar o seu anúncio (precisa-se, conserta-se, vende-se).

Esse serviço, que a cada dia começa a interessar mais pessoas, é mais uma das iniciativas do pessoal responsável pelo trabalho comunitário feito naquela populosa vila. Trabalho comunitário inventivo, prático e que funciona, realmente.

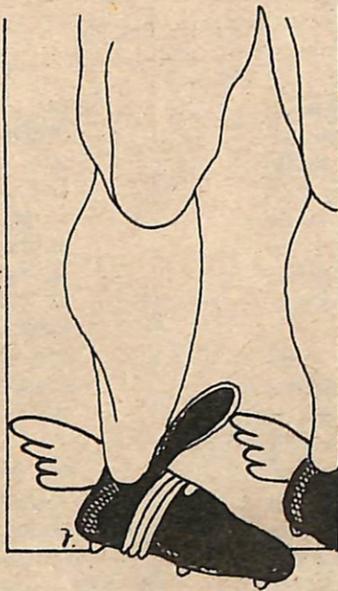
AS PERNAS DO ARAKA

Srs. — Quando da disputa futebolística entre esse **Jornal de 2a.** e o **Jornal da Tarde**, nós, um grupo de moças que lá estivemos para torcer por esse **Jornal**, ficamos deveras impressionadas com o preparo físico do time desse semanário. E o que mais nos impressionou foi, é forçoso dizermos, o físico - com ou sem preparo - do Araken - um verdadeiro Fittipaldi.

Se, não escrevemos antes, foi pura e simplesmente pelo motivo de termos "caído duras para trás", - diante representante da classe masculina - que, com o seu físico ultra, super sexy, nos fez adormecer, até hoje, sonhando com as suas pernas (pro raio que os parta esse preconceito de achar que só mulher é bonita) aplíneas.

O **Jornal de 2a.** pode ter perdido, mas no "placar" dos nossos corações, o resultado foi: 10 a 0 para as pernas do Araken.

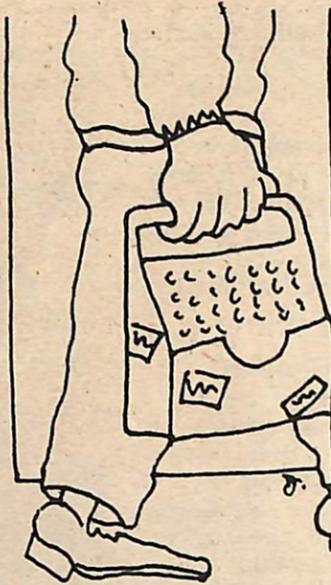
Célia, M. Lúcia, Regina Leonilda (Léo) e outras que ainda não acordaram.



EM CARNE E OSSO, EXCLUSIVO

Chegou dos States, dia 6, o jornalista Paulo Brito & wife, a assistente social Cecília M. Brito.

O jornalista e colaborador deste jornal será exposto a visita pública, em data e local a serem anunciados, estando já convidados a comparecer todos incrédulos que achavam tratar-se de uma ficção e procedência da coluna da página 13.



COMPRE O SEU E GOZE SAÚDE



Afim de evitar que o surto de gripe ganhe proporções maiores em nossa cidade, estamos iniciando a campanha: "não peça coisas emprestadas a terceiros" - elas podem estar contaminadas.

Isso vale especialmente, para os exemplares do **Jornal de 2a.** o órgão da imprensa que mais anda de mão em mão. (E.M.)

JUNDIAÍ CLINICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

BOULEVARD (?) CHEGOU AO FIM

A interdição da rua Barão de Jundiaí para a implantação do boulevard experimentalmente foi suspensa antes do término do prazo previsto, na última quinta-feira. A COMUTRAN diz que já possui dados suficientes pa-

ra a elaboração de estudos sobre a viabilidade do projeto

E experiência do boulevard, que nunca chegou a dar nem impressão de sua presença, chegou ao fim. Res-

ta ainda uma reunião, de que fará parte a Associação Comercial, para a decisão se implanta ou não. Caso positivo, talvez eles estudem o que vem a ser um boulevard, pois a experiência mostrou apenas uma rua vazia.

LEIA e ASSINE o JORNAL DE 2a

Rua Senador Fonseca,
1044

Fone: 4-2759

Vereadores dizem amém. Mais dívidas, mais vergonhas.

Na sessão de 31 de março último, que se prolongou pela madrugada de 1.º de abril, a Câmara Municipal de Jundiá autorizou o Prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz a contrair empréstimo, junto à Caixa Econômica Estadual de São Paulo, até o valor de Cr\$ 70 milhões, para serviços de pavimentação asfáltica das ruas da cidade. Mais dinheiro ainda para a presente administração, e que será aplicado, certamente, dentro dos mesmos moldes abusivos que tem caracterizado os atos do atual prefeito.

Quem votou contra? Quem votou a favor?

Os votos que garantiram o empréstimo pretendido pelo prefeito foram os mesmos de sempre. É a famosa "maioria alinhada" que vem dominando a Câmara e dando inteira liberdade ao alcaide para praticar o seu governo imoral. Destaque-se, na cabeça do bloco, o vereador Adoniro José Moreira. Ele fez parte da comissão que examinou a concorrência do Sistema Viário e concluiu pela "lesividade de tal negócio para o patrimônio municipal". Opinou, mesmo, pela tomada de "medidas legais cabíveis contra o prefeito, em nome da legalidade e da moralidade da coisa pública". Só que depois (porque será?) o Sr. Adoniro José Moreira mudou de posição. Deu o dito pelo não dito e passou a votar

VOTARAM A FAVOR

Adoniro José Moreira
Elcio Zillo
Lázaro de Oliveira Dorta
José Sílvia Bonassi
Luiz Lourenço Gonçalves
Rolando Giarola
Waldir Fernandes
Antonio Tavares

VOTARAM CONTRA

Abdoral Lins de Alencar
Joaquim Ferreira
Leonel Moacyr Corazzari
José Rivelli
Romeu Zanini

NAO VOTOU

Pedro Oswaldo Beagin

NAO COMPARECERAM

Edmar Corrêa Dias
Henrique Vitorio Franco

sistematicamente e obedientemente a favor do prefeito, garantindo ainda mais o domínio absoluto da pobre casa legislativa.

A "maioria alinhada" não quer que se faça concorrência para alfalto

O bloco majoritário da Câmara rejeitou emenda apresentada pelo vereador José Rivelli exigindo, a realização de concorrência pública para as obras de pavimentação.

Porque não deve ser feita a concorrência pública? As ruas vão continuar sendo asfaltadas a preços escandalosos? A exclusividade que vem sendo dada pelo prefeito Ibis Cruz para a Andrade Gutierrez para a execução dos serviços de alfalto na cidade constitui um dos aspectos mais imorais de seu governo. Na concorrência do Sistema Viário, manipulada inescrupulosamente para dar a empreiteira um contrato lesivo ao patrimônio público, o alfalto foi cotado ao dobro do preço normal. Apesar disso, (ou exatamente por causa disso?) só a Gutierrez é que pode asfaltar as ruas da cidade. Não será aberta concorrência específica para este novo serviço, não serão habilitadas novas firmas. O prefeito quer assim, e a "maioria alinhada" dos que se intitulam representantes do povo está aí para dizer "amém".

Quem deve falar em nome da Revolução?

"Meus Camaradas: Em 31 de março de 1964, as Forças Armadas assumiram com o povo brasileiro o compromisso de restaurar a dignidade Nacional, dignidade combalida pela corrupção, ponto de honra do movimento, não deve ser entendido como uma fase ultrapassada do processo revolucionário, pois se muito foi feito neste campo, muito há por fazer. A subversão internacional será combatida em todas as suas formas".

São palavras do Excelentíssimo Senhor ministro da Aeronáutica constantes da sua ordem do dia lida em todas as unidades sob seu Comando.

Aqui, deste jornal, nada mais temos feito a não ser dar conhecimento ao público dos demandos administrativos municipais. São concorrências públicas denunciadas como

lesivas ao município. São atos de afronta a lei municipal. E o serviço de asfaltamento em toda a cidade com base numa concorrência de 1974, enquanto que nos outros municípios ainda hoje se trabalha com menor preço.

Vem daí, a nossa posição de aplauso aos eminentes Ministros, como também a nossa preocupação em verificar que o Prefeito Municipal de Jundiá, em todas as ocasiões possíveis para se dirigir ao povo, chegando a vincular suas obras, exatamente a denunciada, como frutos da Revolução.

Temos que discordar, pois, não podemos aceitar que os ideais revolucionários de administração séria, competente, moralizadora e voltados ao bem estar e a paz social sejam confundidos com o que vem acontecendo em Jundiá.

Falando de barriga cheia.

A pretexto de comemorar a Revolução de 1964, o prefeito Ibis Cruz, premiou, mais uma vez, os jornais diários da cidade com um vistoso (quanto teria custado?) anúncio de meia página, cujas duas intenções ficam muito claras: a primeira, tentar vincular sua duvidosa administração aos ideais revolucionários (veja matéria ao lado).

A segunda, insinuar que os seus opositores estariam sofrendo de um "patriotismo abdominal" e por isso o combatem.

O que seria "patriotismo abdominal"?

A nosso ver, uma traição do subconsciente do Sr. Cruz.

Porque a expressão leva, direto, a uma associação de idéias com os regabofes patrocinados por ele, às custas do dinheiro público, ao bando de assessores que parece somente conseguir pensar enquanto mastiga.

E como mastiga! Basta lembrar que os incontáveis almoços, jantares, recepções, viagens e hospedagens promovidos pelo prefeito custaram ao bolso do povo..... Cr\$ 205.247,95, somente em 1974. E que a festa tem continuado durante 1975, e, especialmente, neste ano de eleições.

Milhares de cruzeiros em regabofes: é o que poderíamos chamar de "patriotismo abdominal" em seu estado mais agudo.

Mas, a nosso ver, a expressão "patriotismo abdominal" pode levar a conclusões mais profundas, revelando uma traição ainda maior do assustado subconsciente ibisiano.

Não estariam contidas no "patriotismo abdominal" outras comilanças?

Freud talvez explique. Ou a Andrade Gutierrez, que entende muito desse assunto.